

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Educação  
Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica

Isabela Cristina Soares Barbosa César

**HIP HOP NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
Pertencimento racial nas cores, batidas e rimas**

Belo Horizonte  
2019

Isabela Cristina Soares Barbosa César

**HIP HOP NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
pertencimento racial nas cores, batidas e rimas**

Monografia apresentada como conclusão do curso de especialização de Educadores Para a Educação Básica à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de Especialista em Educação, Diversidade e Intersetorialidade.

Orientadora: Profa. Dra. Shirley Aparecida de Miranda

Belo Horizonte  
2019

C421h  
TCC César, Isabela Cristina Soares Barbosa, 1979-

Hip hop na educação infantil [manuscrito]: pertencimento racial nas cores, batidas e rimas / Isabela Cristina Soares Barbosa César. – Belo Horizonte, 2019.

80 f., il.

Orientadora: Shirley Aparecida de Miranda.

Trabalho de conclusão de curso - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Hip hop (cultura popular). 2. Negros -- Cultura. 3. Relações étnicas.

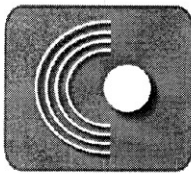
I. Título. II. Miranda, Shirley Aparecida de. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

**Catálogo da Fonte<sup>+</sup> : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário<sup>†</sup>: Albert Torres CRB6 2582  
(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica<sup>±</sup>.)

□



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

**ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO TRABALHO FINAL  
DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE**

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título **“Hip Hop na Educação Infantil: Pertencimento Racial nas Cores, Batidas e Rimas”**, do(a) aluno(a) **Isabela Cristina Soares Barbosa César**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Shirley Aparecida de Miranda (orientador) e Warley Fabiano Santos. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Isabela Cristina S. B. César  
**Isabela Cristina Soares Barbosa César**

Registro na UFMG: 2018750717

Shirley Aparecida de Miranda  
Shirley Aparecida de Miranda  
Professor(a) Orientador(a)

Warley Fabiano Santos  
Warley Fabiano Santos  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva  
Luciana Gomes da Luz Silva  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Salve, salve

Deus; por me encher de energia boa e positiva, selecionando pessoas especiais que me acompanham fortalecendo minha caminhada e contribuíram com tanta sabedoria para concluir mais esse projeto.

Rodolfo; companheiro que sempre foi tão compreensível e presente e que por tantas vezes ficou em silêncio durante os finais de semana para ajudar na minha concentração, além de ser meu orientador particular.

Clara; filha amada, feminista e empoderada, meu orgulho. Gratidão por ter me apresentado ao fenômeno Djonga.

Cãopanhia Marley.

Mãe Eliane e avó Thereza; fonte de inspiração, que entenderam minha ausência e são exemplos de mulheres guerreiras e honestas.

Pai José Cláudio; vivo *in memoriam* e no meu coração.

Daniela e Daniel; meus irmãos queridos.

Ná, Davi e Yan; sobrinhos mais lindos do universo.

Turma Passarinhos; meninada maravilhosa que juntos alcançamos voos altos na cultura Hip Hop e em especial às famílias que curtiram nossas artes.

Professora Doutora Shirley Miranda; um exemplo de mulher potente, inteligente e sensível. Que soube ouvir, corrigir e ainda se sensibilizar com meus choros e alegrias.

Débora, Bruna, Andréia, Nesir, Mara Evaristo, Rosa Margarida, Patrícia Santana, Yone Maria, Nilma Lino Gomes; potentes professoras que tanto admiro.

Kelly, Suzana, Débora e Helena; amigas #aresistência que compreenderam minha ausência nos encontros da Terça à Esquerda.

Juliane; coordenadora da educação infantil da Escola Municipal Moysés Kalil pela empolgação e criatividade que contribuíram tanto para esse trabalho acontecer.

“Parceiraço” Luiz – Capone Beatbox; que contribuiu com seus conhecimentos da cultura Hip Hop.

Tamara Franklin; artista brilhante que retornou aos meus *directs* e me fez emocionar com suas publicações no *Instagram* elogiando o trabalho da turma Passarinhos. Você é inspiração para essa meninada!

Família de Rua (FDR); que fez de Belo Horizonte a cidade mais importante para o cenário do Hip Hop.

Colegas do curso Laseb; pelo convívio e aprendizagem. Em especial amiga-cantora Val.

Luiz Inácio Lula da Silva; querido presidente que não deixou que suas ideias fossem engaioladas e me encheu de esperança e vontade de resistir as opressões impostas pela política.

*Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens.*  
Provérbio africano

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar o projeto de intervenção desenvolvido na Escola Municipal “Moisés Kalil”, situada na Regional Venda Nova, em Belo Horizonte. O Plano de Ação que originou este trabalho foi realizado em uma turma de crianças de quatro e cinco anos, denominada Turma Passarinhos. O tema que serviu de orientação foi o movimento Hip Hop e seus elementos. Como metodologia foram utilizados exibição de clipes musicais, vídeos de dança, rap, oficinas de grafite e produção de autorretrato. Foi possível trabalhar o tema de forma lúdica e criativa, favorecendo a construção positiva de suas identidades numa perspectiva do respeito, da valorização das diferenças e da diversidade. Por meio da cultura Hip Hop as crianças construíram representações positivas através da apreciação e vivência com as artes visuais, as danças e as músicas do movimento.

**Palavras-chave:** Movimento Hip Hop; autorretrato; cultura negra; diversidade; relações étnico-raciais; crianças de quatro e cinco anos.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Foto divulgação do Duelo de MC's .....	38
Figura 2. Crianças observando as fotos do Emicida e Vanessa da Mata .....	42
Figura 3. Cartaz com fotos do Emicida e Vanessa da Mata e música Passarinhos..	43
Figura 4. Vídeo sobre vida e obra de Basquiat.....	44
Figura 5. Autorretrato inspirado na arte de Basquiat .....	45
Figura 6. Criança na roda tentando descobrir o conteúdo da caixa .....	47
Figura 7. Crianças identificando o giz cor da pele .....	47
Figura 8. Crianças realizando o autorretrato .....	48
Figura 9. Exposição do mural com autorretratos .....	49
Figura 10. Crianças dançando ao som de Tamara Franklin .....	50
Figura 11. Crianças observando as obras do artista Nilo Zack.....	53
Figura 12. Pintura no rosto inspirada na obra do artista Nilo Zack .....	54
Figura 13. Oficina de grafite .....	56
Figura 14. Jornal da Turma Passarinhos.....	57
Figura 15. Roda de conversa sobre cabelos com a Professora Débora .....	59
Figura 16. Criança pintando novamente o autorretrato .....	63
Figura 17. Pintura da tela do autorretrato	Figura 18. Mesa posicionada
próxima ao espelho.....	63
Figura 19. Exposição das telas do autorretrato .....	64
Figura 20. Apresentação para a Comunidade escolar.....	66

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	74
Quadro 2 .....	75

## SUMÁRIO

1. “Quer saber quem eu sou? É só saber da onde eu venho”.....	11
2. “A vida é uma canção infantil, veja você mesmo” .....	18
3. “É que tem gente que quando pega a mão da gente faz a gente querer que o tempo pare”.....	21
4. “Eu tô falando é de atenção que dá colo ao coração” .....	26
5. “Hip Hop criado na rua, essa é minha cultura” .....	30
5.1. “Conheço o povo, de Sampa, RJ, BH, Baixada, Porto” .....	33
5.2. “Escola de Hip Hop é a rua descobrindo novos talentos” .....	36
6. “Hip Hop é feito com tempero de paz” .....	40
6.1. “Este é meu ritmo, celeiro artístico” .....	49
6.2. “Dançamos por aí, grafitamos murais” .....	53
6.3. “E no meio disso tudo” .....	62
7. “O Hip-Hop me falou de autonomia” .....	65
8. “Somos o que somos dentro e fora da canção” .....	67
9. Considerações.....	69
Referência Bibliográfica .....	72
Anexos.....	74

## **1. “Quer saber quem eu sou? É só saber da onde eu venho”**

Quando era criança adorava brincar de escolinha e ser professora, mas nunca pensei que essa brincadeira um dia se tornaria realidade. Em 2010 ingressei na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na graduação em pedagogia. No início do curso planejava atuar como pedagoga em empresas ou hospitais, mas já no último período escolhi a formação complementar como educador social junto à Organizações Não-Governamentais (ONGs), movimentos sociais e instituições.

Tive o privilégio de ter contato com diversas temáticas que transformaram minha vida. Excelentes professores me instigaram a perceber o mundo de outra maneira. Particpei ativamente do curso que contribuiu para minha mudança de pensamento e intensificaram minhas ações e objetivos perante a sociedade em que me insiro.

Percebi, através de disciplinas distintas, que o racismo é presente em nossa sociedade e deve ser combatido. Tive a oportunidade de compreender a realidade social, refletir sobre minha prática e modificar positivamente meus pensamentos. Resultado determinante de meu percurso na universidade que me preparou como profissional.

Isso me faz perceber que apesar do pouco tempo de experiência pedagógica, a construção da minha atual situação como docente foi feita por uma trajetória composta de muitos pensamentos, aflições, angústias e alegrias. Firmando a essência de quem sou hoje como profissional. Conclui a graduação em 2014 e no mesmo ano fui nomeada para o cargo de professora para educação infantil na rede municipal de Belo Horizonte, e assim um sonho de criança já esquecido se tornou realidade.

Ao conviver diariamente com as crianças descobri como elas são verdadeiras, afetivas, espontâneas, atuantes e que possuem uma cultura, um jeito de ser próprio. Essa proximidade com o outro através dos gestos, olhares e expressões me tornou mais atenciosa e sensível a este mundo infantil e me fez perceber a importância do papel do professor para a educação infantil.

Desde o início de minha trajetória profissional como professora para a educação infantil percebo a existência do racismo e das discriminações que são problemas sérios no cotidiano de nossas escolas e que afetam grande parte das crianças. Percebo algumas evidências nas escolhas que algumas professoras fazem

com base nas características físicas das crianças, a omissão diante dos conflitos entre as próprias crianças por causa da raça pertencente, ou mesmo as ações praticadas pelas crianças, nas quais excluem os colegas negros e/ou colocam apelidos pejorativos. Segundo Nilma Lino Gomes (2015, p 55)

[...] a discriminação racial pode ser considerada como prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção das práticas que os efetivam [...] (Gomes, 2015)

A Educação das Relações Étnico Raciais (ERER), que possuem um aporte na Lei 10.639/03 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro brasileira nas escolas públicas e privadas. A ausência da discussão e implementação da lei citada promove uma educação descompromissada com o desenvolvimento das crianças. Principalmente as crianças negras. Ocorrendo um silenciamento de práticas racistas no âmbito escolar. Quando uma professora se cala sobre as diferenças étnico-raciais das crianças, ela pode facilitar “o desenvolvimento do preconceito e a ocorrência de discriminação no espaço escolar”. (CAVALLEIRO, Eliane; GOMES, Jerusa, 2012, p.13)

Percebo algumas dificuldades nas práticas escolares para a implementação da Lei 10.639. As situações de discriminação racial envolvendo as crianças pequenas dentro do ambiente escolar consistem num problema que afeta negativamente na construção da identidade destes sujeitos.

Ao propor ações metodológicas que levem as crianças a conhecerem e aprofundarem conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, a professora pode contribuir para que as crianças desenvolvam uma oralidade e corporalidade, contribuindo de várias formas para o desenvolvimento da identidade, das relações e das emoções. Promovendo um sentimento de pertencimento e respeito.

A valorização da cultura negra contribui para o combate ao racismo e, com isso, o respeito à diferença. Um dos efeitos da valorização da cultura negra é apoiar a identificação e o pertencimento racial de crianças negras e contribuir na consolidação do sentimento de respeito na relação com o outro no caso das crianças não negras.

Repetidas vezes, as crianças têm contato com a representatividade nas mídias, nos livros, nos filmes que reafirmam que o ser branco é o bom. Enquanto os

negros são apresentados com imagens deturpadas e estereotipadas além de retratá-los de maneira indevida e equivocada (GOMES, 2015, p.53). É importante que as crianças, sejam negras ou não negras, tenham contato com a cultura negra para a valorização do pertencimento racial.

Que ações pedagógicas poderiam ser praticadas para valorizar a cultura negra? Como construir ações pedagógicas que contribuam para que as crianças respeitem a diversidade e valorizem o seu pertencimento racial e o do outro? Pensar em ações de fortalecimento que atinjam uma importância social e um impacto positivo na vida das crianças através da arte, utilizando os instrumentos da cultura do Hip Hop poderia ser uma resposta, por se tratar de uma cultura potente que dialoga com a arte em suas várias faces existentes.

A escolha do tema pesquisado para o plano de ação do Laseb<sup>1</sup> teve a influência de um trabalho de pesquisa sobre a cultura do Hip Hop que fiz durante minha graduação em pedagogia (2010-2014).

Meu primeiro contato com a cultura Hip Hop foi em 2011, quando assisti a uma entrevista do professor Juarez Dayrell, no canal Rede Minas, na qual falava do livro lançado em 2005 sobre a música funk e Hip Hop na socialização da juventude de Belo Horizonte. No seu livro, o autor descreveu como o Hip Hop aborda os problemas sociais em suas letras e rimas.

Particpei de várias atividades para coletar material e realizar esse trabalho na faculdade. Uma oportunidade que muito me acrescentou, bem como as percepções sobre o movimento do Hip Hop. Foi uma experiência única na qual tive a oportunidade de transitar por esse universo cultural. Aprendi como sobre o contexto histórico e passei a enxergar esse movimento como uma cultura muito importante. Antes de aprofundar neste universo do Hip Hop, considerava-o como sendo uma cultura marginalizada, sem valor artístico-cultural e pouco atrativa.

A partir da pesquisa realizada para o trabalho, o contato que tive com os elementos variados que constroem o Hip Hop transformou positivamente o meu pensamento. Percebi como os sujeitos se apropriam desta cultura, Hip Hop que é considerada uma arte de protesto, e se empoderam, na perspectiva do comprometimento da luta pela equidade. O movimento Hip Hop contribui

---

<sup>1</sup> Laseb: Pós-graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica

positivamente na vida dos envolvidos pois, através dessa cultura são construídas formas de sociabilidade.

Dayrell (2002) considera que os elementos do Hip Hop proporcionam “a construção de uma autoestima e identidades positivas (...) criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual” (2002, p.117). Esse movimento interfere para uma construção de valorização da identidade negra atingindo uma importância social e um impacto positivo principalmente na vida de jovens de periferia,

Ainda na graduação em pedagogia, durante as aulas com o professor Walter Ude, observei o discurso que ele trazia de como as organizações das periferias de Belo Horizonte fazem um trabalho alternativo com os jovens. Ele apresentou como exemplo o que ocorria no bairro Alto Vera Cruz. Através deste professor consegui o contato com o Roger Deef, um atuante do cenário Hip Hop e de grande influência e conhecimento sobre o assunto. Roger Deff é um nome muito importante para o circuito Hip Hop de Belo Horizonte. Jornalista, era integrante do grupo de *rap* Julgamento e foi mediador do debate que aconteceu no Centro Cultural da UFMG no evento “Cidade Hip Hop” em maio de 2011.

O “Cidade Hip Hop” foi um projeto aprovado pela Lei Estadual de Incentivo à cultura de Minas Gerais com intenção de mostrar as diferentes manifestações artísticas do movimento Hip Hop. A proposta era unir reflexão às atividades de entretenimento como: debates, exposições artísticas, shows, duelos e batalhas, visando enriquecer o contexto artístico, social e cultural da cidade.

Em 2018 participei do EPPIR (Curso de Aperfeiçoamento em Políticas da Promoção da Igualdade Racial nas Escolas) que muito contribuiu para a minha prática como professora, pois adquiri conhecimentos sobre a educação nas relações étnico-raciais e compreendi os processos de discriminação que atingem as crianças negras na escola e fora dela.

Pude refletir, com base em alguns conceitos sobre movimentos políticos importantes para combater ao preconceito e as discriminações raciais. Uma reflexão muito importante que fiz já nos primeiros encontros foi me reconhecer como uma mulher branca e perceber os vários indicadores sociais, que diz respeito às oportunidades no Brasil, que mostram a existência de um abismo separando os brancos e os negros.

Nos encontros debatemos sobre os processos educativos no âmbito escolar e o grupo de professores de educação infantil levantou que uma das

estratégias para a promoção da igualdade racial na educação infantil é a aprendizagem sobre as várias manifestações da cultura afro-brasileira e africana. As crianças pequenas se expressam através das habilidades e criatividade, construindo uma imagem positiva de si mesma e dos colegas, principalmente em contato com materiais que valorizem a diversidade racial, através de brinquedos, músicas, livros e imagens que abordem a representatividade negra positiva.

Durante os encontros do curso EPPIR discutimos sobre a mestiçagem no Brasil, da existência da crença de que no país não existe racismo e que todos são iguais e tratados da mesma maneira, pois vivemos em um país miscigenado. Essas percepções podem gerar uma desmotivação na luta contra o racismo. Desmitificamos o mito da Democracia Racial baseado no discurso que Gilberto Freyre apresentou no seu livro de 1933 “Casa Grande e Senzala”.

No módulo que abordou as “Relações raciais no Brasil” percebi como é importante conhecer e utilizar o conceito do letramento racial para reeducar e construir pensamentos e ações no indivíduo em uma perspectiva antirracista. No Brasil “o letramento racial ainda está por ser construído no Brasil”. (DOS SANTOS; SCHUCMAN, 2015, p.137)

Não se deve diminuir ou deslegitimar as publicações de livros e literaturas de autoras e autores negros que abordem temas sobre cultura e história africanas e afro-brasileiras, principalmente nas escolas, ao contrário deve ser incluído no cotidiano das(os) estudantes livros, vídeos, músicas e danças para incentivar uma educação antirracista com práticas pedagógicas que insiram novas epistemologias e novos intérpretes da história brasileira.

Há uma relação estreita entre o trato pedagógico da diversidade e a concepção de educação que forma as práticas educativas e as políticas. Um caminho para a superação dessa postura é a abertura para o diálogo com os movimentos sociais e com a comunidade escolar, compreendendo e reconhecendo a sua trajetória de luta pelo respeito à diferença.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Uma das maneiras de introduzir a história da África e cultura afro-brasileira como conteúdos obrigatórios da educação básica é através dos grupos de estudo oferecidos pela equipe da Gerência das Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte que tratam da educação das relações étnico-raciais. Participo dos encontros mensais que são conduzidos pelo Núcleo de Estudo das Relações Étnico-Raciais e esses têm se constituído como uma forte experiência de formação e articulação dos profissionais da educação. Nesses encontros, os profissionais de educação da Rede Municipal de Belo Horizonte têm a oportunidade de articular e refletir sobre os desafios enfrentados na educação no que se refere à promoção de igualdade racial, superação do racismo e discriminação racial nas escolas, além das trocas de experiências e práticas.

Minha trajetória como Professora para Educação Infantil na Prefeitura de Belo Horizonte começou em outubro de 2014 atuando na UMEI<sup>3</sup> Caetano Furquim, localizada na Regional Leste. Em fevereiro de 2015 consegui transferência para a EMEI<sup>4</sup> Mantiqueira (na época UMEI) pois procurava uma escola próxima da minha residência. Em maio de 2015, na primeira festa da família da EMEI Mantiqueira, o grupo *Vibe Connect* fez uma apresentação de dança *street dance* (dança de rua). Lembrei do trabalho sobre Hip Hop que fiz durante a graduação. No ano de 2019 fui contemplada com o pedido de transferência de lotação e comecei a atuar na Escola Municipal Moysés Kalil (EMMK), no bairro Mantiqueira, no qual percebo que a cultura Hip Hop é muito presente.

Nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, documento que norteia o trabalho na educação da primeira infância, são apresentadas intencionalidades educativas que buscam “desenvolver nas crianças habilidades de identificar e valorizar a diversidade através de manifestações de respeito às diferenças raciais, físicas, culturais, religiosas e socioeconômicas” (Belo Horizonte, 2015, p. 173).

Na educação infantil as crianças desenvolvem a percepção da diversidade, questionando e comparando as características físicas e culturais entre os colegas. Procuram explicar as diferenças individuais e estéticas (tipos físicos, cor da pele e cabelo). Nessa fase, estabelecem relações entre o próprio corpo e com o grupo que pertence. Por isso é muito importante que a cultura dos sujeitos envolvidos já na infância seja valorizada.

No curso no EPPIR, no módulo que abordou o tema “Racismo e Antirracismo no Brasil”, algumas questões começaram a ser formuladas e me acompanharam durante o processo de escrita e intervenção do projeto, trazendo reflexões sobre branquitude, o lugar racializado que ocupo como branca, a posição de privilégio nesse contexto de racialização. Será que, utilizando os elementos do Hip Hop, eu poderia atingir positivamente as crianças, principalmente as negras, sendo

---

<sup>3</sup> UMEI- Unidade Municipal de Educação Infantil

<sup>4</sup> EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil. Em setembro de 2018 foi sancionada a Lei nº 11.132, que estabelece a autonomia das UMEI's, transformando-as em Escolas Municipais de Educação Infantil – EMEI. A lei começou a vigorar após 52 dias de greve das Professoras para à Educação Infantil de Belo Horizonte que reivindicavam equiparação salarial com os professores do ensino fundamental e melhores condições de trabalho. A lei criou o cargo comissionado de Diretor de EMEI, as funções públicas comissionadas de Vice-Diretor de EMEI e de Coordenador Pedagógico Geral, o cargo comissionado de Secretário Escolar, os cargos públicos de Bibliotecário Escolar e de Assistente Administrativo Educacional entre outras providências.

uma professora branca? O que de significado eu levaria para as crianças utilizando a cultura Hip Hop?

Este trabalho está organizado em sete capítulos que foram nomeados com trechos de *rap*<sup>5</sup>. A introdução foi nomeada com o rap “Quer saber quem eu sou? É só saber da onde eu venho”. No capítulo “*A vida é uma canção infantil, veja você mesmo*” apresento as crianças e a educação infantil como direito. No capítulo nomeado “*É que tem gente que quando pega a mão da gente faz a gente querer que o tempo pare*” descrevo sobre a escola e os parceiros.

No capítulo “*Eu tô falando é de atenção que dá colo ao coração*” contém o contexto da proposta do projeto. No capítulo “*Hip Hop criado na rua, essa é minha cultura*” descrevo o surgimento do movimento Hip Hop e seus elementos, e nos dois subcapítulos “*Conheço o povo, de Sampa, RJ, BH, Baixada, Porto*” e “*Escola de Hip Hop é a rua descobrindo novos talentos*” descrevo o cenário do Hip Hop no Brasil e em Belo Horizonte e minha formação através da pesquisa sobre o Hip Hop

O quinto “*Hip Hop é feito de tempero de paz*” são apresentadas as contribuições trazidas pelas crianças sobre o Hip Hop e a ação do autorretrato. Nos subcapítulos “*Esse é meu ritmo, celeiro artístico*” descrevo as ações com os elementos *break, rap* e *dj*, no subcapítulo “*Dançamos por aí, grafitamos murais*” apresento as ações com o elemento grafite e no subcapítulo “*E no meio disso tudo*” apresento a ação da pintura do autorretrato na tela.

No capítulo “*O Hip Hop me falou de autonomia*” apresento as práticas pedagógicas curriculares associadas aos elementos do movimento. E o último capítulo nomeado “*Somos o que somos dentro e fora da canção*” descrevo algumas dificuldades que apareceram na realização do projeto.

---

<sup>5</sup> Trecho do *rap* – Nome da música - Nomes dos *rappers*/cantores (Anexo 5)

## **2. “A vida é uma canção infantil, veja você mesmo”**

Pensando nas crianças que participaram e contribuíram para a realização das ações de intervenção do projeto, apresento algumas diretrizes que tratam da concepção desse sujeito “criança” que foi construída historicamente, mas sofrendo mudanças ao longo do tempo.

As leis da Constituição Federal Brasileira reconhecem a necessidade de proteger as crianças, garantir o direito de atendimento nas creches e escolas, do direito à saúde, à alimentação, à cultura entre outros. Ao sancionar a lei 8069/1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, considerou a criança como um sujeito histórico, social e de direitos. No artigo 100, parágrafo único, lê-se: [...] da condição da criança e do adolescente como sujeito de direitos: crianças e adolescentes são titulares dos direitos previstos nesta e em outras leis, bem como na constituição federal (BRASIL, 1990). O desenvolvimento das crianças acontece nas relações, nas interações e no cotidiano, seja com outras crianças ou com adultos e são garantidos por lei.

Na Resolução CNE/CEB 05/09, o Artigo 7º, estabelece que na observância destas Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de educação infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam de seus direitos.

Nessa etapa da educação deve-se promover a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais, construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade utilizando o brincar, a democracia e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, garantir novas experiências e desenvolver as múltiplas linguagens<sup>6</sup>. O cuidar e o educar devem estar sempre articulados de forma que estes assegurem que cada ato pedagógico, cada palavra dita tenha significado tanto no contexto do cuidado quanto no contexto educacional referente ao mundo já existente.

---

<sup>6</sup> Intencionalidade Educativa III – O tratamento da informação por meio das Múltiplas Linguagens e Tecnologia: Linguagem Oral, Escrita, Artes Plásticas Visuais, Matemática, Corporal, Digital, Musical e Brincar.

A rotina diária da sala oferece às crianças um domínio sobre o mundo em que vivem. Contribuí com a construção de uma identidade social de grupo. Na sala de aula as crianças encontram com outras crianças, aprendem a se relacionar, a conviver, a cooperar e a discordar, construindo um eixo de história e memória.

O Plano de Ação foi desenvolvido no ano de 2019 com vinte e três crianças de diferentes pertencimentos étnico-raciais, de faixa etária entre quatro e cinco anos, da turma Passarinhos na Escola Municipal Moysés Kalil. A chegada dos alunos aconteceu de forma gradativa. No primeiro dia de aula só cinco crianças estavam listadas na turma. Nos dias seguintes outras foram matriculadas, outros transferidos do turno da manhã da própria escola para a turma. E assim, no mês de março a turma já estava composta com todas as vinte e três crianças.

A turma Passarinhos é formada por 23 estudantes, sendo dez meninos e treze meninas e por ser uma turma flex a faixa etária está entre os quatro e cinco anos. As crianças da turma Passarinhos foram declaradas como sendo sete crianças pretas, sete pardas e nove crianças são brancas. Os dados sobre cor/raça são declarados no preenchimento da Ficha de Anamnese<sup>7</sup> das crianças matriculadas na educação infantil.

Considerando o sistema de classificação empregado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no quesito cor/raça as pessoas declaram-se em umas das opções branca, preta, amarela, parda, indígena. Mara Evaristo (2016) apresenta alguns esclarecimentos sobre os conceitos utilizados na autodeclaração realizada pelas famílias.

Preto: são os brasileiros com ascendência africana e que se identificam principalmente com os afro-brasileiros.

Pardo: são os brasileiros com ascendência africana e europeia e que se identificam principalmente como afro-brasileiros.

Branco: são os brasileiros com ascendência europeia e que se identificam principalmente com o grupo europeu. (Evaristo, 2016, p.9-10)

Um acontecimento muito importante que faz parte da rotina da educação infantil é a roda de conversa e essa atividade fez parti da rotina diária da turma Passarinhos. Esse é um espaço para a prática da escuta e da fala. A circularidade dá

---

<sup>7</sup> Ficha de Anamnese é uma entrevista realizada pela professora com algum familiar próximo da criança, preferencialmente o responsável. Esta pessoa informará fatos e acontecimentos importantes da história de vida da criança.

chance para as crianças expressarem seus sentimentos, compartilhareм com os colegas suas vivências, conhecimentos e angústias além das trocas de olhares e empatia durante as escutas.

### **3. “É que tem gente que quando pega a mão da gente faz a gente querer que o tempo pare”**

A Escola Municipal “Moysés Kalil” foi inaugurada no dia 6 de setembro de 1979. Sua localização é na Rua Afonso Pereira da Silva (antiga rua 65), nº 10 no bairro Mantiqueira, na Regional Venda Nova. A construção desta unidade escolar iniciou-se na administração do Prefeito e engenheiro Luiz Verano. O nome escolhido para a escola foi uma homenagem feita ao Moysés Kalil, que foi um proprietário rural em Venda Nova e que doou o terreno para a prefeitura.

A escola começou a funcionar em 1980 com dezesseis salas de aula, trinta e dois professores, quatorze auxiliares e 1200 alunos. No mês de setembro deste mesmo ano inaugurou-se a “Biblioteca” com o nome da primeira diretora da escola: “Biblioteca Municipal Maria Bárbara Santos Chaves”. Em 1984, ocorreu uma ampliação com quatro salas de aula e uma sala para educação artística, passando a funcionar com quarenta e oito classes em três turnos atendendo 1480 alunos.

Desde a sua inauguração, a escola funcionou em três turnos com os seguintes horários: manhã, de 7h às 11 horas, turno intermediário, de 11h às 15 horas e turno da tarde, de 15h às 19 horas. Nos finais de semana acontece o Programa Escola Aberta em que voluntários ofertam oficinas variadas para a comunidade local.

Em 2019, os horários e turnos se alteraram, mantendo o turno da manhã de 7h às 11:15, o turno da tarde de 13h às 17:30 e o terceiro turno noturno, de 18:30h às 22h. A escola passou a atender do primeiro ao sexto ano do ensino fundamental (EF); Educação de Jovens e Adultos (EJA) e começou a atender também aos alunos de três, quatro e cinco anos da Educação Infantil (EI), nos turnos da manhã e da tarde.

Para atender à educação infantil, a EMMK precisou passar por algumas reformas e adaptações dos espaços físicos. Adequação de pisos, rampas, corrimão e escadas, elevador, novo parquinho, organização na biblioteca para as crianças menores e toda a mobília das cinco salas de aula. Houve também alteração de funcionários, com a recepção de doze novas professoras vindas de transferência, em sua maioria de EMEI da regional Venda Nova, para atuar nas turmas de EI.

No primeiro encontro das professoras para educação infantil com a coordenadora para educação infantil foi realizada a escolha das turmas. Escolhi a turma de cinco anos, mas devido à baixa procura recebeu matrículas de crianças de

quatro anos, tornando-se uma turma *flex* – flexibilidade – que é a unificação de turmas de crianças com idades próximas, mas diferentes.

O projeto institucional da EMMK para o ano de 2019 teve como tema a sustentabilidade. E pensando no tema e de como tratar a cultura afro-brasileira durante o ano, busquei no Hip Hop uma música que conectasse o movimento à sustentabilidade a partir do meio ambiente. A música Passarinhos do rapper, cantor e compositor brasileiro Emicida tem participação da cantora Vanessa da Mata e aborda a importância da preservação do meio ambiente para um mundo melhor. Na perspectiva da fragilidade da vida, mas com chances de conhecimentos e crescimentos. A faixa musical Passarinhos faz parte do disco Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa (2015):

“Era neblina, hoje é poluição  
 Asfalto quente queima os pés no chão  
 Carros em profusão, confusão  
 Água em escassez, bem na nossa vez  
 Assim não resta nem as baratas  
 Injustos fazem leis e o que resta proceis?  
 Escolher qual veneno te mata  
 Pois somos tipo passarinhos  
 Juntos a voar dispostos a achar um ninho  
 Mesmo que seja no peito um do outro” (Música: Passarinhos – 2015)

O ano letivo teve início no dia cinco de fevereiro do ano de 2019 e a socialização aconteceu de forma gradativa, tranquila e segura no ambiente educacional durante o período de adaptação. Nos primeiros encontros realizamos atividades para a construção de rotina coletivamente. Conversas e acordos sobre a conservação e o uso dos objetos escolares e pessoais na escola, além dos combinados sobre respeitar os colegas e saber ouvir o outro. Esses combinados auxiliaram no desenvolvimento de habilidades para construção e valorização de identidades individuais, coletivas, na autonomia e na introdução do projeto institucional sobre sustentabilidade.

Nos primeiros dias na escola, as crianças demonstraram bastante curiosidade em conhecer todo o ambiente escolar. Considerando o grande espaço

físico da escola, gradativamente, adquiriram liberdade para percorrer com muita autonomia esse novo território.

Considerando a organização curricular da escola compreende-se que um currículo é uma organização do trabalho pedagógico em que o educador e as crianças têm papéis ativos. Nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte (2015) a natureza complexa do desenvolvimento e das experiências vivenciadas pelas crianças levam em conta o ser humano como um todo e a parceria com a família contribui para o desabrochar dos potenciais das crianças de maneira crítica e criativa para que esses sujeitos construam novos conhecimentos, exerçam a cidadania, a autoestima e a sensibilidade para desenvolver a autonomia.

Durante a organização para realizar o plano de ação, alguns acontecimentos contribuíram para incluir algumas ações. No final do mês de março de 2019, na assembleia escolar, durante a apresentação dos representantes, a mãe do aluno Cristiano da educação infantil, a Diana<sup>8</sup>, disse que fazia parte da escola aberta como voluntária com oficina de grafite. Ao final da reunião procurei a Diana para conversar sobre o plano de ação que faria com as crianças apresentando os elementos do Hip Hop e ela se mostrou disposta em fazer uma oficina de grafite com a turma.

Ao apresentar minha carta de solicitação de autorização para desenvolver o projeto de pesquisa na escola, conversei e apresentei ao vice-diretor o plano de ação e intervenções que planejei realizar sobre o movimento Hip Hop. Ele indicou conversar com o Luiz Fernando Onesimo que atuou na escola integrada da EMMK com oficinas de dança, além utilizar o espaço para treinar as apresentações com o grupo de dança.

No dia oito de abril conversei com o Luiz, que atualmente é *beat box*<sup>9</sup> e está fazendo apresentações não só em Belo Horizonte, como também em outras cidades de Minas Gerais e em outros estados do Brasil.

Buscar parceiros da comunidade escolar contribuiu para o desenvolvimento do projeto, principalmente quando as crianças perceberam que os participantes das ações tiveram uma forte ligação de proximidade territorial (seja

---

<sup>8</sup> Utilizei nome fictício para preservar a identidade. Assinou o termo de autorização de uso de imagem para o projeto.

<sup>9</sup> Beat box: na tradução do inglês significa caixa de batida. É a reprodução de sons de bateria com a voz, boca e nariz, uma percussão vocal no Hip Hop, envolve a imitação vocal de efeitos de *DJs*, instrumentos musicais e outros efeitos sonoros

familiar, seja escolar) e trouxeram contribuições muito importantes. Ouvir todos os envolvidos nesse projeto foi muito relevante, pois construí parcerias que ultrapassaram os muros escolares.

A territorialidade remete à um sentimento de pertencimento e de identidade dos sujeitos. O que aprendemos está vinculado com a história dos espaços em que vivemos e nos relacionamos, contribuindo com a formação da nossa identidade. Os espaços educativos são lugares democráticos e diversos e a contribuição trazida pelas crianças, professoras(es), monitoras(es) e tantos outros agentes participativos da escola contribuiu para a construção de práticas positivas e diálogos dentro e fora dos muros escolares.

Foi pensando em uma intervenção que considerasse a realidade sociocultural dos envolvidos e que despertasse o pertencimento racial positivo nas crianças da educação infantil, que acreditei que o Hip Hop utilizado como instrumento das atividades seria extremamente válido. Uma vez que no cotidiano desses sujeitos esse movimento cultural estava presente dentro e fora da escola: seja pela mãe que faz oficina de grafite, seja por um irmão que faz *beat box*, ou mesmo no contato com o Luiz que é *Beat boxer* e trabalha na escola. A cultura Hip Hop está presente no bairro Mantiqueira. Há grupos de *street dance* que atuam na EMMK e muitas crianças da comunidade se encontram envolvidas com essa cultura.

Na Região de Venda Nova acontecem alguns encontros para duelos e de dança nas Praças da Avenida Vilarinho e do bairro Mantiqueira. Desde 2015 o Projeto Oficina Feminina de *Rap* oferece workshops, com oficinas em Centros Culturais, escolas e praças públicas e tem como objetivo formar grupo de mulheres na cultura Hip Hop. Oferece aulas, oficinas e cursos gratuitos. Aborda temas como estética urbana e moda; *DJ*, música e tecnologia; danças urbanas, entre outras. Em 2019, os encontros aconteceram na Escola Municipal Milton Campos, Centro Cultural Venda Nova e no Fica Vivo Minas Caixa.

Para Santos e Paraíso (1996) é de suma importância reconhecer as diferenças e as diversidades existentes nas sociedades marcadas por fortes desigualdades para construir um currículo a partir da realidade cultural local. Um currículo com práticas participativas, que envolvam os pais, as(os) estudantes e professoras(es). O currículo deve dar voz às manifestações culturais que muitas vezes são excluídas pela escola, valorizando assim a cultura trazida pelas crianças.

Os conhecimentos e as vivências que as crianças trazem para a escola contribuem para o processo de aprendizagem. O currículo deve ser a união do conhecimento e da experiência. Refletindo sobre o contexto escolar e da cultura Hip Hop no bairro Mantiqueira, tive como intenção implementar ações que abordassem os elementos do Hip Hop considerando as contribuições que as crianças já têm sobre o assunto.

Através da minha prática pedagógica e de todo o conhecimento adquirido, principalmente no desenvolvimento do trabalho de pesquisa que fiz durante minha graduação em 2011, e da proximidade com a cultura Hip Hop, propus rever materiais, imagens e músicas para produzir minhas aulas.

Para isso, decidi entender quem são os sujeitos que atuam na cultura Hip Hop e criar um canal educacional que envolvesse os elementos principalmente, o *rap* e o grafite, usando músicas, danças, desenhos e pinturas para fazer um movimento antirracista que possibilite o empoderamento das crianças de quatro e cinco anos ampliando as relações sem discriminação racial com foco na vida e arte das(os) negras(os) artistas/atores protagonistas da pesquisa.

#### **4. “Eu tô falando é de atenção que dá colo ao coração”**

Além da vasta contribuição teórica sugerida nas disciplinas do curso Laseb, tive como embasamento teórico para o tema das relações e pertencimento étnico-raciais as autoras GOMES (2015) e ROSEMBERG (2005). Nos estudos, as autoras abordam os termos e conceitos como o racismo, discriminação racial, a desigualdade racial no atendimento das crianças negras nas escolas públicas e pertencimento racial na infância e apresento um breve histórico sobre esses conceitos na perspectiva educacional, que contribuíram para a realização da pesquisa.

Alguns marcos legais foram incluídos para que a questão racial fosse inserida nas discussões e nas ações políticas do Estado brasileiro. O Movimento Negro Brasileiro denunciou o racismo e discriminação racial. Em 1995 o Governo Federal reconheceu a situação desfavorável que se encontrava a população negra no país. A partir da década de 1980 as escolas passaram a sofrer pressões intensas para reeducar as relações raciais no Brasil, combatendo às discriminações e hierarquizações sociais.

Em 2001, registrou-se a diferença de 5,7% do atendimento educacional às crianças brancas em comparativo com as crianças negras, o que retrata a desigualdade ao acesso à educação. Com a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) em 2003 buscou-se desenvolver diversas medidas para incluir socialmente os oprimidos.

Com estudos e análise dos dados que indicavam a desigualdade racial no atendimento escolar fez-se necessário a implementação de leis para uma educação que abordasse as relações étnico-raciais, combatendo o racismo, o preconceito racial, a desigualdades culturais e econômicas.

De acordo com GOMES (2015), o racismo é comportamento de ódio contra uma pessoa que pertence a outra raça que é observada na cor de pele diferente, idioma entre outros. A discriminação racial “pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito”, sendo a discriminação a adoção de práticas que os efetivam de maneiras variadas. (GOMES, p. 55, 2015)

A Educação Infantil é uma fase importantíssima para o desenvolvimento da criança como humano, pois nessa etapa sua personalidade é formada adquirindo conhecimentos e saberes. É nos espaços escolares que se convive com o outro e nessas relações os professores podem promover a igualdade racial eliminando

qualquer atitude racista ou discriminação racial utilizando de atividades que apresentem para as crianças as diferentes culturas e histórias que fazem parte da construção da população brasileira.

Com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), em 2003, o ensino da história da África e cultura afro-brasileira tornou-se obrigatório através da Lei 10.639/2003, contando também com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER) de 2004.

Nas pesquisas realizadas por Rosemberg (2005), os dados analisados mostram como as desigualdades incidem sobre as crianças negras brasileiras no âmbito escolar. Observa-se que as taxas de frequência à creche e à escola dos diferentes segmentos raciais corresponde a 84,5% de crianças negras e 79,3% de crianças brancas que não frequentavam a creche em 2008 (PNAD, 2008, apud IPEA, 2010).

Em 2009, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil tornaram-se bases para que as práticas educativas promovam a igualdade racial e valorizem a diversidade. Essas legislações contribuem para o resgate de como a população negra colaborou para a construção da sociedade brasileira nas áreas culturais, econômicas, políticas e sociais através do reconhecimento, da valorização e da importância da população negra através da sua história, da sua identidade e da sua cultura.

No mesmo ano foi elaborado um Plano Nacional de Igualdade Racial (PLANAPIR) para promover a redução das desigualdades social, que indicava objetivos e metas para superar as injustiças raciais principalmente, com políticas de ações afirmativas, contribuindo para a igualdade racial. As ações afirmativas podem ser desenvolvidas para promover diversas medidas de compensação com o intuito de incluir a população oprimida, nos diversos setores da sociedade e reduzir as desigualdades sociais.

No Parágrafo único do Estatuto da Igualdade Racial de 2010 a discriminação racial seria toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer campo da vida pública ou privada.

No ano de 2016 o movimento Todos pela Educação divulgou um estudo sobre a desigualdade educacional brasileira que apontou que os brancos possuem maior frequência à escola e a taxa de analfabetismo é 22% entre os negros e 5% entre os brancos. O atendimento das crianças pretas e pardas de quatro e cinco anos na Educação Infantil é menor do que entre as brancas.

Toda a Legislação Antirracista existente no Brasil é resultado de muita resistência da população negra e do Movimento Negro Brasileiro que pautavam a necessidade de programas e ações de enfrentamento às discriminações e racismo com vistas à promoção da igualdade racial.

“Tais ações no campo da política educacional devem ser compreendidas como respostas do Estado às reivindicações políticas do Movimento Negro. A sua efetivação, de fato, em programas e práticas educacionais tem sido uma das atuais demandas deste movimento social. A história política brasileira nos revela que entre as intenções das legislações antirracistas e a sua efetivação na realidade social há sempre distâncias, avanços e limites, os quais precisam ser acompanhados pelos cidadãos e cidadãs brasileiros e pelos movimentos sociais por meio por um efetivo controle público” (GOMES, 2011).

Os dados também demonstram como a escola se transforma muitas vezes em um ambiente hostil para as crianças negras. O cuidar e o educar são ações importantes na Educação Infantil e criam possibilidades de favorecer as relações com a diversidade entre as crianças.

É preciso ter em mente que construir práticas pedagógicas de enfrentamento ao racismo e as desigualdades raciais no contexto escolar implica a necessidade de estabelecer uma ação educativa que conte com a colaboração de vários agentes educativos que fazem parte da comunidade escolar e da participação das crianças.

Trabalhar com as crianças de quatro e cinco anos a cultura como valorização do pertencimento racial promoveu o acesso à materiais diversos e ampliou as possibilidades de novos valores culturais, sociais e simbólicos, no contato com o que é diferente. Discutir cultura e diversidade étnico-racial com as crianças na Educação Infantil leva as crianças a aprenderem sobre a sua história e a do outro, inserir-se na cultura e aprende cultura. Segundo Ana Maria Gomes (2007),

A cultura é aprendida. Poderíamos dizer que ela não é uma herança inexorável dos indivíduos, senão são os próprios que devem realizar percursos de inserção (aprendizagem) na cultura de seu grupo. Um ser

humano que não tenha essa possibilidade, isto é, alguém que não cresça em contato com uma qualquer cultura, dentro de um grupo humano, sozinho não reinventa a cultura do seu grupo e nem inventa a sua própria – posto que se trata de algo da ordem do social e do coletivo (GOMES, Ana Maria Rabelo 2007, p. 32).

Quando uma professora apresenta a história da África e da cultura afro-brasileira para uma criança, proporciona a ela o contato com diferentes aspectos raciais, culturais e sociais. Esse contato com “a diversidade cultural como princípio educativo extrapola a noção de identidade nacional e se concretiza por meio das experiências e vivências sociais e culturais que envolvem os indivíduos na sociedade”. (Neves, 2011, p. 15)

A proposta do plano de ação foi utilizar o Hip Hop como instrumento de descoberta da diversidade nas cores, nas rimas e nas batidas desse movimento cultural proporcionando empatia entre as crianças, respeito e promovendo uma educação para a igualdade racial.

## 5. “Hip Hop criado na rua, essa é minha cultura”

“O Hip Hop é uma cultura urbana, de origem afro-hispânica, que envolve poesia, música, dança e pintura de rua” (ALVES, 2008, pág.9). As palavras Hip e Hop podem significar um modo de dançar dos jovens com saltos – Hip – junto com um constante balanço dos quadris – Hop – embalados pelos muitos sons de bases instrumentais.

O Hip Hop surgiu no ano de 1967 nos subúrbios negros e latinos de Nova Iorque, especificamente no bairro Bronx, onde vários problemas de ordem social eram vivenciados pelos moradores. Obras mal planejadas, desalojamento, falta de estrutura eram alguns dos problemas que os moradores enfrentaram, além do aumento de homicídio e violência. Pobreza, racismo, violência, abandono por parte do Estado eram algumas das dificuldades que a população enfrentava.

Um casal de irmãos, Cindy Campbell e Clive Campbell, mais conhecido como *DJ Kool Herc*, se mudaram da Jamaica para Nova Iorque. Os jovens encontravam na rua o único espaço de lazer, e geralmente entravam num sistema de gangues, as quais se confrontavam de maneira violenta na luta pelo domínio territorial e funcionavam como um sistema opressor dentro das próprias periferias.

Em 1973, os irmãos resolveram realizar uma pequena festa para arrecadar fundos para comprar materiais escolares para as crianças do bairro. Em 11 de agosto de 1973, o *DJ Kool Herc* fez a festa “*Back to school JAM*” e foi reconhecida como a primeira festa do Hip Hop por conter algumas características, como um grande equipamento de som - *sound system* - as repetições das partes instrumentais (percussão e baixo) das músicas fazendo os jovens dançarem *Breaking*. Herc era escritor de grafite, assinava nos muros o seu nome, e além de comandar as *pick-up's*<sup>10</sup> como *DJ* também fazia versos durante uma música e outra como MC - Mestre de Cerimônia - e foi ele quem introduziu o *Toast*, que é um modo de cantar com levadas bem fraseadas e rimas muitas vezes politizadas, cantadas em cima de reggae instrumental, que daria origem ao *rap*.

Nesse ambiente, os quatro elementos da cultura Hip Hop se apresentavam com diferentes manifestações artísticas de rua, formas próprias dos jovens ligados

---

<sup>10</sup> Pick-up: São equipamentos compostos por dois toca-discos e um *mixer* utilizado pelos *DJ's* para sincronizar duas músicas nas apresentações, shows e eventos.

àquele movimento fazer música, dança, poesia e pintura. Outros *Dj's* que foram importantes na fase inicial do Hip Hop foram o Afrika Bambaataa e o Grand Master Flash.

As disputas entre os integrantes das gangues do Bronx, poderiam findar se as partes envolvidas não se unissem para melhorar a região onde viviam. Os líderes das duas maiores gangues do Bronx, influenciados pela ideologia dos Panteras Negras -*Black Panther Party* -, um grupo de resistência e luta por direitos civis dos negros e negras dos Estados Unidos (EUA), fizeram um tratado de paz, firmado em 1971.

As gangues foram encontrando nas novas formas de arte uma maneira de canalizar a violência em que viviam submersas e passaram a frequentar as festas, dançar *break*, competir com passos de dança e rimas. A violência encontrada nas gangues foi transferida para o Hip Hop, mas com outra proposta e energia, surgindo as “Batalhas” ou “Duelos” não violentos, com um objetivo pacificador, consistindo em uma competição artística. Os jovens que antes disputavam o território com o crime começaram a disputar usando a arte e cultura para transformar seu bairro.

Essa foi a proposta de Afrika Bambaataa, considerado hoje o padrinho da cultura Hip Hop. Em 12 de novembro de 1973 foi criada a primeira organização que tinha em seus interesses o Hip Hop, a Zulu Nation - *Universal Zulu Nation*. A partir dos seus estudos, ancestralidade e raízes africanas essa organização tinha o objetivo de acabar com os vários problemas dos jovens dos subúrbios utilizando um discurso de respeito ao próximo, autoconhecimento paz e união.

O conhecimento é uma base de suporte para unir todos os elementos artísticos do Hip Hop. Bambaataa tinha o discurso enfático sobre o autoconhecimento, pois ele gera conhecimento nas mais diversas áreas como história, economia, política, arte, acreditava que assim poderia haver transformação na comunidade e/ou região onde se atuava.

Percebendo a junção dos elementos nas festas, Bambaataa criou o termo Hip Hop, que na época era uma gíria e por ter uma vasta coleção de discos de vinil ficou conhecido como mestre dos discos - *Master of Records*.

O contexto histórico em que o Bronx se encontrava no final da década de 1960 criou todo o ambiente para que o Hip Hop surgisse através dos sujeitos que assumiram naturalmente, as funções e os papéis que conduziram a criação e o surgimento do Hip Hop como se é conhecido em 2019. Existem outras versões e

histórias que relatam o começo do Hip Hop em outras regiões dos EUA. O importante é reconhecer o Hip Hop como uma cultura em movimento que tem a capacidade de valorizar a identidade, dar voz e gerar autoestima para os envolvidos através das várias manifestações de arte produzindo uma transformação da realidade dos sujeitos e do local. Os cinco elementos do Hip Hop são DJ, MC, *Breaking*, Grafite e o Conhecimento.

*DJ*, vem do termo “*Disc Jockey*” que eram locutores de rádio que introduziam e tocavam discos de gramofone. Eles utilizam um par de toca discos e um *mixer* - aparelho de mixagem de áudio - fazendo uma colagem rítmicas e bases para criar e tocar músicas para os MC's, os *B.boy* e as *B.girl* - garotos e garotas que dançam *break* - reproduzirem a sua arte, além de discotecar e animar as pessoas nas festas de Hip Hop.

MC “Mestre de Cerimônia” é o porta-voz das festas. Com o microfone na mão anima e agita os eventos e celebrações do Hip Hop e escreve *rap* - Ritmo e Poesia. O ritmo é trazido pelo *DJ* e a poesia pelo MC. Suas letras relatam os problemas, as carências, conscientização política, angústias e injustiças com as classes sociais mais desfavoráveis mostrando o poder da transformação.

*Breaking* é a dança original do Hip Hop, em que os *B-boy* e as *B-girl* dançam no *break* da música que é a parte instrumental repetida pelo *DJ*. Tornou-se o primeiro elemento a ser conhecido, enquanto parte do Hip Hop, por intermédio de dois filmes: *Beat Street* e *Flash Dance*. Os filmes retratam como o Hip Hop transforma o mundo através da dança, da música e da arte em uma verdadeira revolução.

Grafite vem antes da cultura Hip Hop. Começou quando os jovens escreviam seus nomes com *spray* e tinta látex nas paredes do bairro Bronx. Tomou as paredes e os vagões do metrô da cidade de Nova York levando a arte e seu protesto para outros lugares. Uma escrita urbana, que era uma maneira das gangues marcarem os territórios. A evolução do grafite chegou com técnicas de desenho de diversos estilos.

Conhecimento que foi trazido por Afrika Bambaataa e reconhece a importância dos saberes e costumes da população que vivia nos guetos e periferias dos grandes centros urbanos. O conhecimento é o estudo e aplicação da sabedoria ancestral. Consiste nas frases, códigos e termos usados para sobreviver no gueto, envolve também a habilidade de raciocinar logicamente. A sabedoria de rua é a

acumulação do autoconhecimento cultural do Hip Hop e seus praticantes são conhecidos como hiphoppers.

Outro nome importante para a cultura Hip Hop é *KRS - One Knowledge Reigns Supreme Over Nearly Everyone* - que significa o conhecimento reina supremo próximo a todos- através de estudos e pesquisas incluiu outros quatro elementos que são: *Beat box* que é a arte de reproduzir os sons e batidas utilizando as mãos e a boca, Linguagem de rua que é a fala e gestos para se comunicar, Moda de rua que é a estética de vestuário, tendência e estilos como roupas, adornos e cores, Empreendedorismo de rua que são as criações, gerenciamento e venda de seus próprios talentos, descobertas e invenções com um mercado justo.

O conhecimento, 5º elemento do Hip Hop, além de ser entendido como ancestralidade apresenta um sentimento de compromisso e de responsabilidade com as formas culturais tradicionais e ancestrais já existentes na África. A valorização das raízes africanas, como também a identificação dos aspectos ao tornar-se negro, em um processo de reconhecimento e de percepção do pertencimento a um coletivo, indica que o movimento Hip Hop é uma construção<sup>11</sup> diaspórica.

### **5.1. “Conheço o povo, de Sampa, RJ, BH, Baixada, Porto”**

O Hip Hop chegou no Brasil com força na década de 1980. Em São Paulo, os tradicionais encontros na Rua 24 de Maio e no metrô São Bento, saíram muitos artistas reconhecidos como Thaíde, DJ Hum, Stylo Selvagem, Racionais MC's, Rappin Hood, entre outros. O primeiro registro de *rap* foi em 1984 com o grupo *Black Junior's*.

No Brasil, uma junção do *Rap* americano com as tradições orais africanas existentes no país foram denominadas pela região em que foram criadas. Uma música típica de Pernambuco é um exemplo dessa semelhança ou mesmo inspiração. O côco de embolada, típica música pernambucana tem características do *freestyle*, que é um *Rap* de improviso. Com um pandeiro o repentista cria uma base, parecida com as criadas pelo DJ e os poetas ou trovadores fazem improvisações. Os *beats boxers*

---

<sup>11</sup> A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno histórico e social caracterizado pela imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo. Esse processo foi marcado pelas trocas de diversas sociedades e culturas (MORTARI, 2015)

ganharam seu primeiro grande passo em 1985, o *beat boxer* mais conhecido no Brasil é o Fernandinho Beatbox.

Nos anos de 1990 o *freestyle* ou o *rap* de improviso se expandiu pelo Brasil com a formação da Academia Brasileira de Rimas. Durante as batalhas de improviso entre MC's as rimas são feitas na hora, sobre algum assunto presente no ambiente, ou sobre qualquer coisa. No Rio de Janeiro, o MV Bill desenvolveu o *Rap* consciente. No cenário nacional, a partir dos anos 2000 destacam-se os rappers Emicida, Criolo, Karol Conka e o mineiro Djonga.

Em Belo Horizonte, destaca-se o Renegado<sup>12</sup>, um dos mais promissores rappers no cenário pop. Vencedor do Prêmio *Hutuz* de 2008, o maior do gênero Hip Hop na América Latina, na categoria “revelação”. Renegado vê inspiração como uma coisa muito particular.

“No meu caso, tenho inspiração nas coisas simples do meu dia a dia, seja na minha comunidade ou mesmo fora dela eu me banzeio muito nas formas das relações humanas e no chão vermelho do Alto Vera Cruz, comunidade em que nasci e sou residente” (Renegado, 2009)<sup>13</sup>.

Em 2019, Flávio Renegado, em parceria com a Orquestra Ouro Preto, fez apresentações misturando *rap* e erudito no show do álbum *Suíte Masai*.

Outro destaque é o rapper Roger Deeff, que considera que o Hip Hop “serve também para transformar o sujeito, possibilita falar e desconstruir a pirâmide, levar as classes médias e altas o que não conhecem dos pobres”<sup>14</sup>. Em 2019 lançou o seu primeiro álbum solo, *Etnografia Suburbana*, contando com participações de artistas como Flávio Renegado, Douglas Din e Ricardo HD, irmão de Deff.

Os grupos de *rap* de Belo Horizonte enquadram-se na linha do chamado “*rap* consciente”. Foi em agosto de 2007 que o Coletivo Família de Rua (FDR), acreditando na essência e na disseminação da cultura urbana, começou a realizar o Duelo de MC's que iniciou primeiramente na Praça da Estação. Com as chuvas de fim

---

<sup>12</sup> Em 2017, Flávio Renegado lançou um clipe da música “Luxo Só” que gerou grande descontentamento dos fãs por conter cenas de submissão e objetificação do corpo negro feminino além da valorização dos privilégios masculinos. Apesar dessa questão, considero o nome do rapper muito promissor no cenário do Hip Hop em Belo Horizonte e uma referência para os jovens.

<sup>13</sup> Revista O Grito. Entrevista: Renegado. <https://www.revistaogrito.com/entrevista-renegado/> Acesso em: 28/04/2019.

<sup>14</sup> Fala do *rapper* Roger Deeff em entrevista para o trabalho de graduação realizado pela autora em 2011.

de ano o grupo resolveu ir para o Viaduto de Santa Tereza, um espaço que foi criado para ser ocupado pela cultura da cidade.

O cenário é uma mistura dos quatro elementos do Hip Hop. O grafite com sua pintura, o *break* com sua dança, o *DJ* que comanda o som e o MC ou rapper mandando o seu recado, todos no mesmo palco. Além de viajar pelo Brasil levando a arte e cultura do Hip Hop, o FDR também recebe a Final Nacional do Duelo de MC's.

A sétima edição do Duelo Nacional de MC's aconteceu nos dias dezesseis e dezessete de dezembro de 2018 em Belo Horizonte e reuniu um público com mais de dez mil pessoas no Viaduto Santa Tereza. O Duelo de MCs reuniu *rappers* de diversas localidades do país, que disputarem seletivas regionais e estaduais. Os que venceram tiveram a chance de disputar o Nacional, que começou no sábado, com as primeiras eliminatórias e no domingo com as finais. O sistema adotado foi o de mata-mata, no qual o vencedor de cada batalha é definido por votação, sendo dois votos de jurados especializados, mais um do público, que grita por aquele que acreditam ter se saído o vencedor. No fim, quem obteve a maioria dos votos, venceu o duelo que ficou com o rapper sul-mato-grossense Miliano, de vinte e cinco anos, que levou um prêmio de dez mil reais e a chance de gravar suas músicas em estúdio.

Um nome importante para a cena do Hip Hop em Belo Horizonte é o Monge MC, que um grande responsável pela divulgação do quinto elemento. Ele considera que o conhecimento junta os quatro principais elementos da cultura Hip Hop já apresentados no contexto da cultura popular, da arte, da política e da economia.

A história do Monge MC começou em 2000 através do grafite na cidade de Belo Horizonte e mais tarde se tornou MC. Participou do grupo Saga Contínua e foi um dos fundadores do coletivo Conspiração Subterrânea Crew que unia os *b.boys*, grafiteiros, *DJs* e MCs para levar esses elementos do Hip Hop para a cidade.

Em 2005, já no Coletivo Hip Hop Chama, propôs criar um espaço que atendesse aos jovens para formação, mobilização e intervenção social e comunitária e no ano de 2007 ajudou a construir o Coletivo FDR e a organizar o Duelo de MC's. Durante os anos de 2010 e 2012 participou do grupo A Corte. Um destaque do grupo foi a apresentação na abertura do show do rapper MV Bill em 2011 durante o evento Palco Hip Hop. Participou de vários coletivos e projetos importantes, destacando a gravação do CD de A Corte, seu projeto solo Caminho de *Zion* com o *single* Olhos da Babilônica alcançou visibilidade nacional.

Monge MC é um nome muito conhecido pelos admiradores e seguidores do movimento do Hip Hop, tanto em Belo Horizonte quanto em outros estados brasileiros. É um pesquisador ativo do Hip Hop e uma referência na propagação dessa cultura desenvolvendo palestras e cursos para *hip-hoppers* e demais interessados. Em 2015 Monge MC desenvolveu um canal chamado *Griot Urbano* onde são disponibilizados vídeos que relatam a história, reflexões e conceitos do Hip Hop.

## **5.2. “Escola de Hip Hop é a rua descobrindo novos talentos”**

As ações para o projeto me levaram a buscar um aprofundamento no universo da cultura Hip Hop. Para isso busquei me formar em múltiplos espaços fora da academia. Essa formação foi muito importante pois conheci e visitei lugares onde o movimento Hip Hop acontece em Belo Horizonte.

O primeiro passo foi conversar com o Luiz, que é monitor de inclusão e que já o conhecia da EMEI Mantiqueira. O Luiz fez estágio na turma em que eu era regente e foi integrante do grupo de dança *Vibe Connect* que havia apresentado na festa da família em 2015 na EMEI Mantiqueira. Ele falou do Duelo de MC's que acontece aos domingos, debaixo do Viaduto Santa Tereza, além de indicar nomes importantes do cenário Hip Hop.

Essa formação foi muito significativa para poder trabalhar as relações étnico-raciais e sociais com as crianças. Visitei lugares onde os elementos do Hip Hop estavam presentes. Conversei, observei e escutei muitos sujeitos que participam do movimento. Percebi que o conhecimento e o interesse desses agentes participativos do Hip Hop são extremamente importantes para a persistência dessa cultura.

Durante a pesquisa interagi com as pessoas e observei os sujeitos pesquisados, o que permitiu uma relação de aproximação entre o agente pesquisador e o grupo. Observei os lugares, as situações e atitudes, os depoimentos e principalmente as posturas destes sujeitos observados.

Além das observações realizadas no campo onde acontecia os encontros, utilizei também anotações no Diário de Campo – o caderno em que registrei as informações, comportamentos e conversas, gravações, fotografias e entrevista. Na

pesquisa etnográfica o investigador deve ir à campo onde os agentes pesquisados estão e deve permanecer por um período que permeie “a vida cotidiana e tornar visíveis os distintos significados e ações que ocorrem em seu interior” (CALDEIRA, 1995, p. 8).

As rimas do *rap* revelam conflitos que são enfrentados diariamente pelas camadas populares que sofrem pela falta de acesso aos direitos: repressão, dura realidade das favelas e subúrbios, racismos e outras formas de opressão.

Nas batalhas de rima de improviso existem dois tipos bem estabelecidos que os participantes chamam de batalha de sangue ou batalha tradicional, que é um contra o outro. Atualmente tem as batalhas temáticas conhecidas também como batalha do 5º elemento, o conhecimento, que começou no Rio de Janeiro pelo MC Marechal. Em Belo Horizonte as batalhas do conhecimento começaram com o coletivo Lá da Favelinha, localizado no Aglomerado da Serra, idealizado por Douglas Din, MC Monge MC e Kdu dos Santos, que a batalha desenvolve a rima baseado nas vivências.

No Duelo que acontece em Belo Horizonte foi estabelecido alguns critérios que limitam o tema para que não tenham rimas de cunho racista, homofóbico, qualquer tipo de preconceito ou outras formas de ofensas pessoais.

Analisando os termos e bordões usados nos Duelos, percebi o uso de palavras que remetem ao cenário de combates, como por exemplo: batalhas, duelos. O grito que o MC e o público fazem no início das batalhas é:

MC: *O que acontece aqui?*  
 Público: *Duelo de MC!*  
 MC: *O que acontece aqui?*  
 Público: *Duelo de MC!*  
 MC: *Eu quero ver, eu quero ver?*  
 Público: *Sangue!* (Registro de caderno de campo)

Outro grito que os rimadores (*rapper*) fazem com o público durante as batalhas é:

Rapper: *Vai matar ou vai morrer?*  
 Público: *Vai morrer ou vai matar?*  
 Rapper: *Vai matar ou vai morrer?*  
 Público: *Vai morrer ou vai matar?*  
 Rapper: *Eu quero ver, eu quero ver?*  
 Público: *Sangue!* (Registro de caderno de campo)

Nos eventos de Hip Hop que participei o público presente era majoritariamente masculino e percebi que o protagonismo feminino ainda está sendo inserido nos eventos. Muitas mulheres presentes estavam só assistindo as batalhas. A presença da mulher neste espaço ainda é de coadjuvante. A cultura patriarcal considera que o feminino não tem espaço e nem o direito de expor seus ideais na rua. Segundo Lima (2014, p.11) “existe uma forte luta por parte de mulheres que estão engajadas no Hip Hop que atenta as mulheres a enfrentar essas barreiras sociais que as impedem de ter seus direitos”.

No dia 30 de junho de 2019 durante uma observação no Duelo de MC's uma participante, a MC Colombiana, duelou com rimas bem elaboradas e levou o público ao delírio durante a batalha. Mas foi desclassificada porque o júri exclusivamente masculino que ficam no palco votou a favor do outro MC, que no caso era um homem que disputava contra ela.

Figura 1. Foto divulgação do Duelo de MC's



Fonte: Instagram Família de Rua<sup>15</sup>

Apesar da predominância masculina e das críticas do machismo e misoginia no Hip Hop, observa-se um cenário de emergência de grandes nomes femininos. É o caso de Carol Conka, MC Soffia e a mineira Tamara Franklin que foi

<sup>15</sup> <https://www.instagram.com/p/B0Qv3jYnwgi/?igshid=9e2yunb3drm3>

um destaque para a realização dessa pesquisa. O Luiz, que se tornou um importante parceiro das ações de desenvolvimento do projeto, já havia mencionado as participações que ele fez nas músicas e apresentações da Tamara Franklin e meu interesse em levar as músicas dela para as crianças aumentou quando soube que ela morava em um bairro próximo à escola.

No dia 13 de maio de 2019, Tamara lançou um clipe da música Wakanda e durante a roda de conversa ela declarou que para se entender mulher fez muitos movimentos. Foi criada no meio do Hip Hop, um ambiente muito machista, mas depois foi percebendo que existia um universo feminino e que não precisava se masculinizar ou se virilizar para ser uma mulher potente. Agora, ela se destaca no lugar de mulher no Hip Hop.

“Até pouco tempo atrás o lugar da mulher era esse. De coadjuvante. No fundinho do palco, fazendo no máximo um refrão e daí cê nem fala muito o nome dessa mina. Mas aí dá pra você fazer uma analogia com a sociedade como um todo. Porque o lugar da mulher sempre foi no fundo do palco em todas as esferas profissionais e hoje a gente vê isso mudar em todas as esferas também. Graças a Deus” (Tamara Franklin em entrevista G1.com em 03/07/2019)

O Hip Hop é uma cultura estereotipada e estigmatizada, que atende somente os jovens de periferia, lugar onde a população é considerada sem cultura e sem perspectivas de progredir, cercada por pobreza, drogas, violência e desemprego. Já mencionei anteriormente, que minha visão sobre a cultura Hip Hop foi modificada desde o trabalho que fiz na graduação no ano de 2011. Por isso, utilizando dos elementos desse movimento quis romper com os estigmas que poderiam impedir as crianças de se aproximarem ou mesmo participarem do movimento Hip Hop.

Durante o desenvolvimento do plano de ação busquei dar visibilidade à cultura já existente na comunidade da escola. Existem outras várias manifestações que valorizam a cultura negra, mas o Hip Hop particularmente é um movimento que traz a arte e o protesto misturados, além de contribuir para a valorização do pertencimento racial.

## 6. “Hip Hop é feito com tempero de paz”

O objetivo geral do projeto foi contribuir para que as crianças apreciassem e vivenciassem as artes visuais, as danças e as músicas do movimento Hip Hop para a construção de representações positivas através da valorização da cultura negra

As ações desenvolvidas e seus objetivos estão apresentadas no Quadro 1. Selecionei algumas que se destacaram, sejam positivamente ou negativamente e discuto a seguir. Para iniciar as ações considerei os conhecimentos que as crianças possuíam, advindos das mais variadas experiências cognitivas e sociais que elas já tiveram contato.

Quadro 1. Ações realizadas

AÇÃO	DATA	PARTICIPANTE
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Coletar informações e impressões que as crianças têm sobre o Hip Hop.</li> <li>-Apresentar a música Passarinhos.</li> <li>-Impressões das características físicas (cor/cabelo) que as crianças têm do rapper Emicida e da cantora Vanessa da Mata.</li> <li>-Confeccionar cartaz com a letra da música Passarinhos e fotos dos cantores Emicida e Vanessa da Mata.</li> </ul>	Março Abril	Turma Passarinhos
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Assistir vídeos vida e obra de Basquiat. Autorretrato inspirado na obra do Basquiat. Contato com outros artistas brasileiros que pintaram o autorretrato (Tarsila do Amaral / Os Gêmeos).</li> <li>-Apresentar giz de cera (tons de pele) e usar nos autorretratos</li> <li>-Mural com os autorretratos das crianças da Turma Passarinhos.</li> <li>-Autorretratos com tintas em pratos de papelão (inspiração de Basquiat).</li> <li>-Apresentar a história dos primeiros DJ's do movimento Hip Hop.</li> <li>-Apresentar outras formas musicais no movimento Hip Hop como Beat Box.</li> <li>-Assistir clipes das artistas: Tamara Franklinn e MC Soffia.</li> </ul>	Abril Maio Junho Julho	Turma Passarinhos
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Pintura facial inspirada na arte do Nilo Zack: “Menino Palhaço”.</li> <li>-Oficina e confecção de mural utilizando instrumentos do grafite.</li> <li>-Manuseio do Jornal de Venda Nova sobre o grupo de dança <i>Vib Connect</i>. (Competição em Paris - 2018).</li> <li>-Criação do <i>Rap</i> da Turma Passarinhos.</li> <li>-Confecção de Jornal da Educação Infantil sobre a Cultura Hip Hop.</li> </ul>	Agosto 1ª Quinzena	Turma Passarinhos  Diana (mãe do Cristiano).
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Contação de história: Livro “Meu crespo é de rainha”.</li> <li>-Mural com vários tipos de tranças e penteados.</li> <li>-Ensaio para apresentação das músicas “Anônima” de Tamara Franklin e “Menina Pretinha” de MC Soffia.</li> <li>-Dia do Dengo e Cafunés.</li> <li>-Apresentação para a família (vídeo – rap – música).</li> </ul>	Agosto (2ª Quinzena)	Turma Passarinhos  Débora (Professora)  Juliane (Coordenadora)
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Confecção de tela com pintura do autorretrato das crianças da turma Passarinhos.</li> </ul>	Setembro Outubro	Turma Passarinhos

Fonte: Acervo Pessoal

Para atingir o objetivo de proporcionar às crianças conhecerem a cultura afro-brasileira fez-se necessário coletar os conhecimentos prévios, informações e impressões que elas tinham sobre a cultura Hip Hop e essa foi uma tarefa fácil, pois a turma é bastante comunicativa e expõem com facilidade suas vivências, seja através da linguagem oral ou mesmo de movimentos corporais e sons. As sequencias de ações descritas teve como objetivo que as crianças se interessassem por um assunto novo, ou mesmo lembrarem e trazerem o que já sabiam ou conheciam para compartilhar as experiências com o grupo.

Apresentei a música “Passarinhos”, do rapper Emicida, que tem a participação da cantora Vanessa da Mata, e solicitei que as crianças ouvissem atentamente as vozes dos cantores. Expliquei que eram dois artistas brasileiros importantes para o cenário musical do país e tinham ideias fantásticas e as expressam através das músicas que compõem. Em sequência, pedi que falassem como eles achavam que esses cantores eram, querendo saber das características físicas deles, por exemplo o cabelo e a altura a partir da tonalidade das vozes na música.

Ao se expressarem sobre o Emicida, as crianças disseram que o imaginavam um homem “alto”, outras disseram “baixo”, cabelo preto. Sobre a Vanessa da Mata, as observações também foram que imaginavam uma mulher alta, baixa ou magra. Observei que nenhuma das crianças falou sobre raça/cor dos cantores. Em seguida mostrei as fotos dos cantores e muitas crianças ficaram surpresas ao verem que eles eram artistas negros.<sup>16</sup>

Ao pegar a foto do Emicida na mão, a criança Breno disse surpreso:

*-Ele é negro!*

Outra criança, Sônia, referindo-se à cantora Vanessa da Mata, disse:

*-Nossa, o cabelo dela é grandão bem altão.*

Então, eu perguntei como ela imaginou que seria e ela me respondeu:

*-Eu pensei que ele era assim ó.* (passou as mãos na cabeça e desceu simulando um cabelo liso e grande).

A Katya disse:

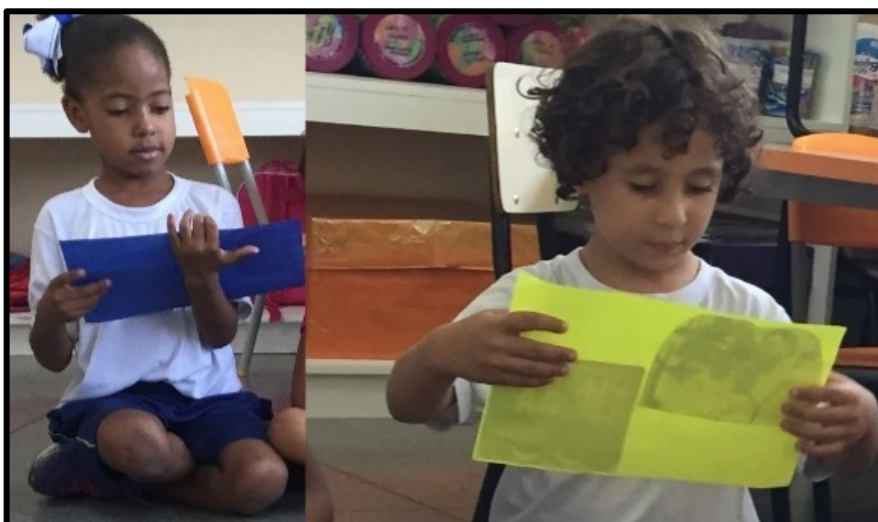
*- Ele tem tatuagem e meu pai não gosta de tatuagem.* Apontando para o Emicida.

---

<sup>16</sup> Para caracterizar as(os) estudantes, utilizei nomes fictícios para preservar a identidade das crianças. Os responsáveis assinaram os termos de consentimento - Anexo 1.

Muitas crianças só olharam as fotos e sorriram. Foi muito interessante observar os olhares das crianças ao analisarem as características físicas do rapper Emicida e da cantora Vanessa da Mata. A reação de alguns ao perceberem a cor de pele e os tipos de cabelos que contribuiu para atingir o objetivo da construção de representações positivas através da valorização da cultura. Ao admirarem a música que dava o nome para a turma e favorecia a identidade e pertencimento das crianças na escola, percebi que elas conseguiram associar a beleza da entonação das vozes dos cantores à representatividade positiva.

Figura 2. Crianças observando as fotos do Emicida e Vanessa da Mata



Fonte: Acervo Pessoal

Em seguida falei a biografia<sup>17</sup> do Emicida. Leandro Roque de Oliveira nasceu em São Paulo em 1985, mas ficou conhecido como Emicida (fusão de MC e homicida). Venceu consecutivas batalhas de Mc's com suas rimas de improviso. Além de compositor, Emicida lançou em 2018 seu primeiro livro "Amoras" para o público infanto-juvenil, uma homenagem à sua filha.

Quando apresentei para a turma a história de vida do *rapper* Emicida e da sua importância na cultura Hip Hop no Brasil, o Cristiano disse:

*-Eu conheço Hip Hop. Aqui na escola aberta tem Hip Hop e eu danço.*

Após a observação e conversa elaboramos um cartaz com fotos do rapper Emicida e da cantora Vanessa da Mata, um trecho da música Passarinhos e representação de passarinhos, que ficaram expostas na sala.

---

<sup>17</sup> Informações: <<https://www.pensador.com/autor/emicida/biografia/>> acesso em 19/03/2019

Figura 3. Cartaz com fotos do Emicida e Vanessa da Mata e música Passarinhos



Fonte: Acervo Pessoal

As ações educativas realizadas tiveram como objetivo garantir que as crianças contemplassem a cultura do movimento Hip Hop e valorizassem o seu pertencimento racial, para isso desenvolvi a ação de apresentar para as crianças o histórico sobre o movimento Hip Hop, onde ele surgiu e nomes importantes para que essa cultura tivesse destaque a tantos anos e em tantos lugares.

Na realização da ação de conhecer a vida e obra de Basquiat<sup>18</sup>, há uma proximidade das suas obras com o grafite, por muitas vezes usava *spray*, mas o próprio artista dizia que não era grafiteiro. Apesar disso suas obras serviram de inspiração e continuam inspirando e sendo referências para muitos artistas que vivem da cultura Hip Hop, tanto nas artes visuais como nas letras de rappers.

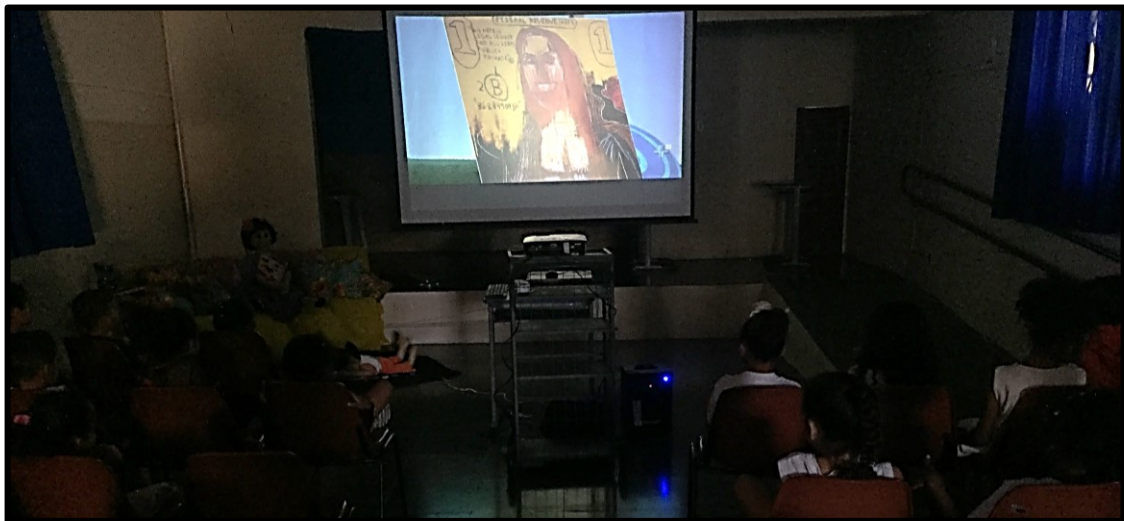
No auditório da escola eu e as crianças assistimos aos vídeos sobre a vida e arte do Basquiat que nasceu na década de 1960 no bairro Brooklyn, na cidade de Nova York. No começo de sua carreira suas pinturas eram marcadas pelo grafite, um dos elementos do Hip Hop. Durante o vídeo as crianças notaram as referências que

<sup>18</sup> Basquiat (1960-1988): Jean-Michel Basquiat foi um pintor afro-americano que se destacou a fazer sucesso nas artes plásticas de Nova Iorque.

ele fazia à personagens de *cartoon* e ouviram as músicas que inspiravam Basquiat na realização das suas pinturas. Para complementar os vídeos levei fotos do atelier onde Basquiat fazia as suas artes e imagens das suas principais telas.

Um dado importante que utilizei na intervenção foi apresentar a obra Mona Lisa que Basquiat fez no ano de 1983 e a também a obra do Leonardo Da Vinci<sup>19</sup>. Como algumas obras de Basquiat foram inspiradas em um livro de Da Vinci, apresentei as duas telas da Mona Lisa para que as crianças notassem as semelhanças e/ou diferenças. Essa observação contribuiu para a realização da atividade do autorretrato individual das crianças.

Figura 4. Vídeo sobre vida e obra de Basquiat



Fonte: Acervo Pessoal

Apresentei outros artistas brasileiros, como Tarsila do Amaral<sup>20</sup> e Os Gêmeos<sup>21</sup>, que tem em sua arte pinturas de autorretrato e exploramos imagens, fotos e vídeos sobre os importantes nomes artísticos. Destaquei para as crianças as obras dos irmãos Os Gêmeos pois seus grafites são admirados e reconhecidos no Brasil e internacionalmente, assim as crianças apreciaram e vivenciaram um pouco das artes visuais do movimento Hip Hop, observando os grafites desses artistas. Realizamos autorretratos inspirados na arte do artista Basquiat utilizando de tintas.

<sup>19</sup> Leonardo da Vinci (1452-1519) foi um pintor italiano. "Mona Lisa" foi uma das obras que o notabilizou como um dos maiores nomes da Renascença.

<sup>20</sup> Tarsila do Amaral (1886-1973) foi uma pintora e desenhista brasileira.

<sup>21</sup> Os Gêmeos (também grafado OsGemeos) são uma dupla de irmãos gêmeos grafiteiros de São Paulo, nascidos em 1974, cujos nomes reais são Otávio e Gustavo.

Figura 5. Autorretrato inspirado na arte de Basquiat



Fonte: Acervo Pessoal

Em sequência utilizei alguns recursos para sensibilizar o olhar das crianças para si mesmas. Preparei uma caixa, com tampa, decorada de maneira atraente e com um espelho dentro e quando a criança abrisse a tampa veria refletiva sua imagem. No momento da roda, propus uma brincadeira, apresentei a caixa e disse que dentro dela havia um tesouro precioso. Cada uma teria que olhar o que tinha dentro da caixa para ver o tesouro. A regra da brincadeira era manter segredo. Um a um olhava dentro da caixa sem contar o que viu e passava para o colega.

As reações foram diversas! Alguns sorriram, outros olharam rapidinho e outros passaram um bom tempo admirando seu reflexo no espelho. Após todos verem a sua imagem abri o debate perguntando o que elas viram na caixa e se descobriram qual era o tesouro. Aproveitei cada resposta das crianças propiciando que se expressassem livremente. Todos perceberam que o tesouro precioso eram cada um deles, por isso deveriam manter o segredo, pois cada uma é único e ninguém é igual a ninguém.

Provoquei as crianças para que cada uma observasse o próprio corpo e as características do corpo do colega. Algumas comparações foram feitas sobre o tamanho, a cor dos olhos, a cor da pele e do cabelo, em seguida fizemos

agrupamentos ora de tamanhos aproximados, ora de cor de cabelo ou olhos, lembrando sempre o que viram no espelho.

Segundo Arribas (2004, p. 5), "a possibilidade de aprender a própria anatomia e as diferenças entre a sua e a das demais crianças é outra fonte de aprendizagem prazerosa para a criança, que não pode se desperdiçar".

A exploração das partes do corpo se inicia partindo das mais funcionais e visíveis para progressivamente explorar todo o corpo humano, conforme a curiosidade das crianças. Com a percepção global do corpo, a criança inicia a etapa da tomada de consciência de cada segmento corporal e a sua função. Derdyk (1990) discorre:

A tomada da consciência da forma é fundamental para o processo de desenvolvimento gráfico e do pensamento visual. A percepção da forma facilita a memorização desta que existe porque o olho humano é capaz de diferenciá-la de outras formas (DERDYK, 1990, p.103).

Na medida em que as crianças foram observando o seu corpo, o seu espaço, os seus movimentos e suas ações, os registros se transformaram em registros do seu corpo e de suas relações com o mundo. Dos círculos, agrupamentos de bolinhas, riscos soltos, surgiram figuras humanas com destaque dos olhos e mãos, pois estas partes do corpo são as responsáveis pelo tato e a visão, sentidos estes mais utilizados para apreender o que está sua volta.

Essa ação serviu de inspiração para a realização dos autorretratos que fizemos na sala. Percebi que as crianças desenvolveram a sensibilidade do olhar em relação a si. Para iniciar o autorretrato, foi necessário apresentar o giz de cera com os tons de pele pois, grande parte da turma só reconhecia o lápis de cor rosa claro como sendo a cor da pele.

Na dinâmica de roda apresentei uma caixa fechada que continha giz de cera com vários tons de pele<sup>22</sup> e disse para as crianças usarem o olfato, a audição e o tato, para sentir o peso do conteúdo e tentarem adivinhar o conteúdo da caixa que estava fechada.

---

<sup>22</sup> Giz de cera Pintkor – Informações no site: <http://www.ufrgs.br/uniafro/nossahistoria>

Figura 6. Criança na roda tentando descobrir o conteúdo da caixa



Fonte: Acervo Pessoal

Após a abertura da caixa algumas crianças disseram que o conteúdo era massinha de modelar marrom. Outras depois de sentirem o cheiro disseram que era giz de cera. Conversamos sobre o giz de cera apresentando as várias tonalidades de cor de pele e que provavelmente não teria a cor exata da pele de cada criança, mas que deveriam pegar uma cor que mais se aproximasse ao tom da sua pele.

Nesse momento observei as reações de experimentações e testes. Algumas crianças encontraram rapidamente uma cor próxima, mas outras precisaram de ajuda dos próprios colegas, que diziam se a cor era mais clara ou mais escura que a pele.

Figura 7. Crianças identificando o giz cor da pele



Fonte: Acervo Pessoal

Em seguida, após a exploração do giz cor de pele e a escolha do tom que mais se aproximava da cor da pele, as crianças fizeram a atividade do autorretrato. Entreguei uma folha com contorno de um rosto desenhado (Anexo 4) e a atividade começou pelo colorido da pele. Relembramos e conversamos sobre a imagem refletida no espelho e sobre autoestima. Observei que uns ajudavam aos outros, elogiando o registro e contribuindo para autoconfiança do colega. Enquanto isso, outros utilizaram o espelho para registrar com precisão, evidenciando em suas produções os detalhes observados, como os cílios e as curvas no formato da boca dando significado a sua imagem.

Essa ação atingiu um objetivo muito importante do projeto, que foi valorizar a diversidade étnico-racial dentro do grupo. No processo de construção e transformação positiva da imagem individual.

Figura 8. Crianças realizando o autorretrato



Fonte: Acervo Pessoal

Esse material foi exposto no corredor das salas de Educação Infantil da EMMK. Organizamos um mural com os autorretratos das crianças da turma Passarinhos e sempre que saíamos da sala ou retornávamos, as crianças paravam em frente ao mural para apontarem os seus trabalhos mostrando para os colegas.

Figura 9. Exposição do mural com autorretratos



Fonte: Acervo Pessoal

As crianças perceberam as diferenças físicas que existem entre elas e a necessidade de respeitar a maneira de ser cada um. Muitas descobertas foram feitas principalmente na percepção do outro e de si mesmas. Com o uso das imagens, fotos e vídeos conheceram vários artistas com diferentes fenótipos e suas importantes obras de artes. Para a realização das atividades foram explorados os órgãos dos sentidos como a audição, a visão, o olfato e o tato, além de instrumentos como espelhos, tintas e giz de cera.

### 6.1. “Este é meu ritmo, celeiro artístico”

Apresentei a música “Anônima”, da rapper Tamara Franklin, essa ação teve como objetivo proporcionar que as crianças tivessem contato com um dos elementos do movimento Hip Hop, neste caso o *rap*, para a valorização da cultura. Tamara Franklin é uma artista que tem uma representatividade muito forte na região da escola. Ela cresceu no bairro Pedra Branca, que é vizinho do Mantiqueira onde a escola se localiza. A música “Anônima” foi lançada no álbum de mesmo nome no ano de 2015.

“Eu nasci do lado norte, cê conhece o Mantiqueira?  
 Moro lá pertin, entre os cascalho e as ladeiras  
 ninho dos Monge Mascavo, Lan Matarazzo, som de primeira  
 Look a Praça é nossa, um dia eu colo, já tô de bobeira  
 Este é meu ritmo, celeiro artístico  
 A quadra do Robsom é pra nós bem mais que ponto turístico  
 Pedra branca pra quem não conhece, respeito mantenho  
 Quer saber quem eu sou? É só saber da onde eu venho”  
 (Música: Anônima, Tamara Franklin, 2015)

Ao ouvir a música pela primeira vez uma criança, o Vinícius, reconheceu a existência de rima e disse surpreso:

*-Isabela, tem rima, né? Tem rima!*

Durante os clipes, as crianças imediatamente começaram a dançar e não demorou muito tempo para reconhecerem o Luiz, que participou do clipe da música Cidadão<sup>23</sup> junto com a Tamara Franklin fazendo *beat box*. Uma das crianças disse que já sabia o que era *beat box* pois o irmão mais velho também faz. Encorajei-o a fazer para os colegas e ele timidamente começou a fazer os sons com a boca e logo em seguida todos acharam ótimo e aplaudiram.

Figura 10. Crianças dançando ao som de Tamara Franklin



Fonte: Acervo Pessoal

Dias depois de assistir os vídeos, encontramos o Luiz no pátio da escola e algumas crianças contaram que o haviam visto fazer *beat box*. Falei que era surpresa, pois pretendia convidá-lo para conversar e ouvir as crianças. Horas depois, no mesmo dia, outras crianças viram o Luiz e ficaram observando e comentaram entre elas que ele “era o moço do vídeo”. Percebi olhares de admiração reconhecendo no Luiz um artista importante.

No plano de ação pretendia realizar uma entrevista<sup>24</sup> com o Luiz e ela aconteceu no segundo semestre de 2019. Realizei uma entrevista estruturada seguindo um roteiro preestabelecido<sup>25</sup>. Uma observação que fiz durante todo o processo do projeto foi a bagagem de conhecimentos que os participantes do

<sup>23</sup> Clipe “Cidadão” no link: <https://www.youtube.com/watch?v=-8xjwUKPVZk>

<sup>24</sup> Termos de autorização do uso dos relatos, imagens e vídeos estão em anexo (Anexo 2 e 3)

<sup>25</sup> Entrevista gravada e feita transcrição.

movimento Hip Hop trazem nas falas. Ao ouvir o Luiz e outros sujeitos *hiphoppers* no decorrer da pesquisa fiquei admirada com o compromisso que demonstram ter pela cultura, sempre estudando, pesquisando e transmitindo o conhecimento sobre o surgimento do Hip Hop. Os contextos que esse movimento influenciou e transformou, além de uma consciência política e cidadã muito forte nos discursos e nas ações.

No relato de suas primeiras vivências no Hip Hop, Luiz contou que começou a imitar o irmão que era baterista, mas ao invés de tocar o instrumento ele fazia os sons com a boca colocando ritmo nas batidas. A importância da pesquisa e do estudo apareceu em vários momentos da conversa que tivemos. Ao despertar o gosto musical, suas primeiras buscas foram sobre os cantores americanos que trouxeram inspiração, passando do *jazz* ao *funk* e conseqüentemente descobriu o *beat box* e começou a participar das batalhas de rima fazendo *beat box* para os MC's no bairro onde mora.

O conceito de territorialidade sempre esteve presente no desenvolvimento do projeto. É um elemento que marca a identidade do movimento Hip Hop conectando o território local com outros diversos territórios. As redes que as pessoas estabelecem com a territorialidade aparecem nas rimas, muitas vezes em forma de denúncia contra as violências, as dificuldades e as opressões vistas e vividas, mas também é um espaço onde ocorre as resistências em relação às discriminações e os descasos vividos.

“Até então não tínhamos muito acesso ao que rolava fora, o centro da cidade era muito longe, eu era novo uns quinze anos, e o centro da cidade era muito distante. O centro de BH era só com a mãe para uma consulta; agora ir em evento não ia, não tinha esse negócio de sair para evento. Então não conhecia o Hip Hop, pra gente era só aqui no bairro. Quando começamos a ir para outras regionais ficamos deslumbrados”. (Luiz, 2019)

Outro tipo de territorialidade foi percebido para além-mar. Em seus estudos sobre *beat box* Luiz percebeu a ancestralidade presente na comunicação de alguns povos africanos, “Eles falam, mas no meio da fala tem uns sons tipo de estalo da língua” (Luiz, 2019). Esse conhecimento trouxe inspiração para o seu trabalho como *beatboxer*, pensando na forma de fazer música para se comunicar com o outro.

Luiz considera que quando uma pessoa começa a viver o Hip Hop enxerga o mundo de outra forma, se posicionando contra o racismo, o machismo e é preciso “desconstruir algumas coisas”.

Seu trabalho atingiu um patamar de destaque, quando começou a usar *Loop Station*<sup>26</sup> junto com *beat box* sendo reconhecido no meio musical como o único de Belo Horizonte a fazer essa junção. “Eu sempre pensei que queria propor algo diferente e o *beat box* é algo diferente”. Quando perguntado sobre o que você acha de levar o Hip Hop para a Educação Infantil, Luiz considera muito importante, mas de pouca inserção “tem muito preconceito em relação ao Hip Hop”.

Faço um destaque para mais um aprendizado que adquiri durante a conversa com o Luiz. Além dos cinco elementos (*break*, grafite, *dj*, *rap*, conhecimento) o Hip Hop se baseia em quatro pilares que são Paz – Amor – União – Diversão.

Sendo a paz entre uns e outros; o amor, pois a dança do Hip Hop foi criada para acabar com brigas de gangues; a união entre todo mundo e a diversão que é trocar ideia, dançar. “O Hip Hop é isso”!

Seu pensamento sobre a inserção do Hip Hop na educação, baseada nesses quatro pilares, deve ser usada como um atrativo para as(os) estudantes.

“O número de faltas será bem menor, eles terão mais vontade de ir à escola. Comigo foi assim, quando estudava tinha música no recreio e ia todo feliz. Do infantil ao ensino médio o Hip Hop tem que ser muito inserido. O Hip Hop não é uma cultura feita para salvar vidas, mas ele salva”. (Luiz, 2019)

Perguntado se ele considera que a música e arte são elementos que podem contribuir para o combate ao racismo e/ou discriminações raciais, Luiz declara que são as formas mais fortes de atingir as pessoas. “Eu acho a arte é essencial na luta contra o racismo, temos a liberdade de expressão para falar e expor a nossa luta diária sobre o preconceito (...) é uma potência muito forte”. (Luiz, 2019)

A importância do quinto elemento – conhecimento – foi destacada em várias partes da entrevista, ressaltando que através dos estudos que conseguiu construir uma carreira do *beat box*, buscando entender e vivenciar a cultura Hip Hop. “Ser Hip Hop é respeito em primeiro lugar, independente do que a pessoa é, do que a pessoa carrega, da cor da pele da pessoa. O conhecimento é a vivência e é o estudo”.

Nossa conversa durou aproximadamente duas horas, terminando com a partilha de alguns sonhos e projetos para o futuro e com a certeza de que o Hip Hop não é só uma música ou arte. “Hip Hop é um estilo de vida!” (Luiz, 2019)

---

<sup>26</sup> *Loop Station* consiste em um equipamento de gravação de pequenos trechos musicais para serem reproduzidos em seguida, permitindo assim, que o músico execute seu instrumento somando ao som previamente gravado.

## 6.2. “Dançamos por aí, grafitamos murais”

O recesso de julho chegou e as intervenções foram pausadas. Retornamos nossas atividades no mês de agosto e as ações focaram nos elementos *break*, grafite e *rap*. Nesta ação apresentei para as crianças as obras do artista Nilo Zack<sup>27</sup> para conhecerem sua história de vida e principalmente a inspiração do “Menino Palhaço” ao grafitar os painéis urbanos e telas. Uma curiosidade interessante foi que durante a observação das imagens do Nilo Zack grafitando, que algumas crianças perguntaram sobre o porquê de ele estar usando máscara no rosto. Respondi que eram equipamentos de segurança pois as tintas spray para grafitar são tóxicas e as máscaras protegem o artista.

Figura 11. Crianças observando as obras do artista Nilo Zack



Fonte: Acervo Pessoal

Nessa ação o objetivo foi promover o contato com os elementos do movimento Hip Hop, especificamente o grafite. As crianças interagiram com a arte de maneira criativa e prazerosa e em seguida, utilizando tintas de rosto e espelho reproduziram em si mesmas e ajudaram os colegas com cuidado a se transformarem em “Meninos Palhaços”. A alegria foi contagiante! Saíram pela escola cantando e sempre que encontravam com algum funcionário eles explicavam por que estavam pintados e quem era o artista Nilo Zack.

<sup>27</sup> Nilo Zack é um artista visual e referência de grafites estampados em diversos pontos da capital de Belo Horizonte que retratam o “menino-palhaço”. É formado em Cinema de Animação e Artes Digitais pela UFMG e há nove anos se dedica unicamente às artes visuais.

Figura 12. Pintura no rosto inspirada na obra do artista Nilo Zack



Fonte: Acervo Pessoal

Durantes os meses que antecederam agosto, sempre reforçava com Diana, a mãe do Cristiano, que estava organizando a oficina de grafite e que contava com a participação dela. Após apresentar o meu plano de ação para a coordenadora da educação infantil da escola, fui orientada a escrever um projeto para solicitar o material para a execução das ações planejadas. O processo burocrático de autorização do colegiado aconteceu rápido e logo o material foi entregue. Conversei novamente com a Diana e marcamos o dia da oficina.

O espaço escolhido para realização da oficina foi o parquinho da educação infantil. A Diana conversou com as crianças e muitas expressaram seus conhecimentos adquiridos na sala durante as conversas que tivemos sobre grafite. Fizeram perguntas e assistiram com atenção as explicações de como faz os desenhos e traços. Uma das primeiras perguntas que fizeram foi porque ela não estava usando a máscara no rosto.

Contei para Diana que quando estávamos estudando sobre o artista Nilo Zack em uma das imagens, ele estava usando a máscara como equipamento de proteção. Então explicamos que as tintas que usaríamos eram atóxicas e que não havia necessidade de usar luvas ou máscaras no rosto.

Diana explicou que todo grafiteiro, antes de começar usar o *spray* de tinta, faz um esboço do que pretende pintar. Primeiro, mede o espaço onde será feito o

grafite, que no nosso caso foi um pano de TNT<sup>28</sup> branco de aproximadamente 4 metros fixado em uma das paredes do parquinho. Em seguida ela dividiu o espaço em nove partes, desenhando uma cerquilha (#) para centralizar o desenho na área.

Figura 20: Oficina de grafite com Diana



Fonte: Acervo Pessoal

Enquanto desenhava os traços ela conversou com as crianças e contou que sempre gostou de desenhar e que precisa treinar para melhorar os traços dos desenhos. Explicou também que os desenhos precisam ter profundidade. Ela fez o desenho de uma garota sentada de costas e olhando a paisagem. Essa paisagem tinha montanhas, sol, alguns prédios e até um muro com as letras iniciais da escola. Assim que ela terminou o desenho a turma toda começou a repetir o nome dela e bater palmas, como se fosse uma plateia:

*-Diana! Diana! Diana!*

Em seguida foi hora de pintar o painel. Usamos tinta guache com pincel, também frascos de *spray* com tinta guache diluída em água (previamente preparado) e latas de *spray* de tinta para cabelo atóxica. Diana auxiliou na pintura. Todas as crianças aproveitaram e fizeram descobertas ao misturarem uma cor com a outra.

---

<sup>28</sup> TNT: Tecido Não Tecido

Figura 13. Oficina de grafite



Fonte: Acervo Pessoal

Nesse dia acontecia na escola a Semana da Infância e os gestores da escola estiveram envolvidos na realização de atividades com as outras turmas. Somente a professora Débora participou desse momento divertido junto com a turma Passarinhos. Ao ver as fotos e vídeos fiquei muito emocionada com tamanha espontaneidade e admiração que as crianças demonstraram pelo trabalho feito pela Diana.

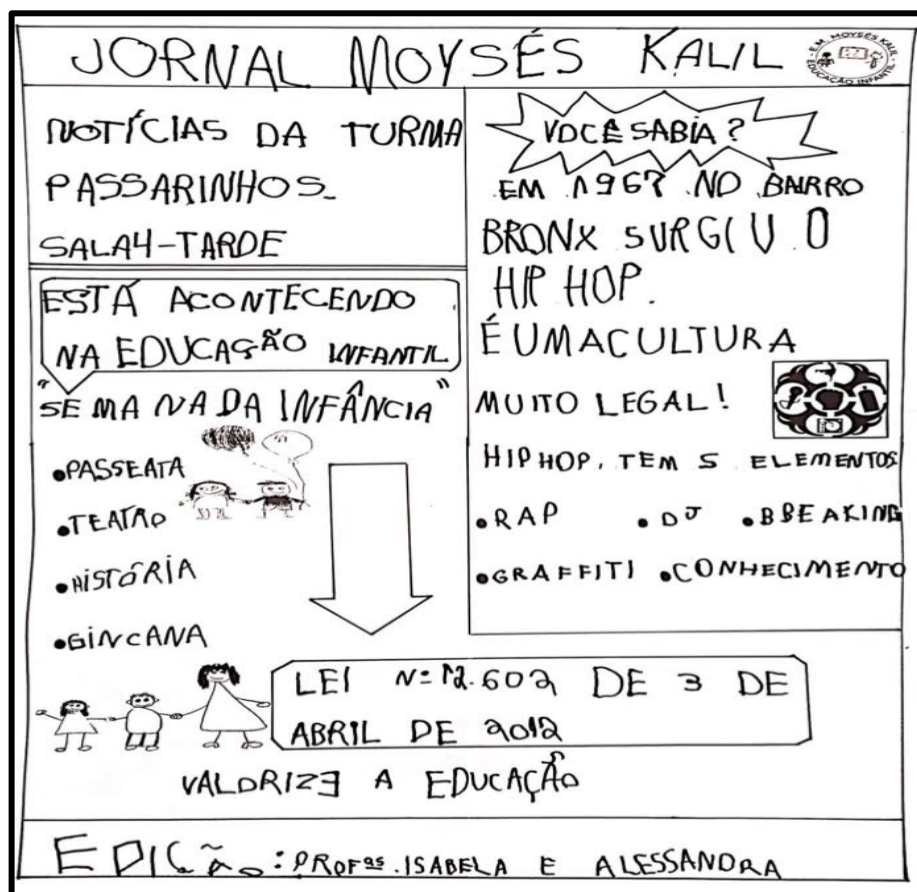
Outra ação que a turma Passarinhos teve contato foi a apresentação do *break*. Como a oficina de *break* planejada no plano de ação não aconteceu, levei para as crianças manusearem o “Jornal de Venda Nova” (2018). Nele havia a notícia da apresentação de dança do grupo *Vib Connect*, competição que aconteceu em Paris. Na época, os integrantes da escola aberta da EMMK participaram do Campeonato mundial de *break*, o *Juste Debout*. No jornal havia foto dos participantes junto com o Luiz e com a equipe gestora da escola.

Pensando em ações para produções que valorizassem e reconhecessem os elementos do Hip Hop, relembramos tudo que já havíamos descoberto sobre a cultura. Em roda, as crianças falaram os nomes dos artistas e músicas que haviam conhecido e eu, como escriba da turma, fui anotando no quadro branco da sala. Para cada elemento que eles falavam eu contribuía dizendo qual era o instrumento usado ou o nome do profissional que atuava. No *rap*, associamos o trabalho do Emicida e Tamara Franklin; no grafite o artista Nilo Zack, Basquiat e a Diana; no *break*, lembramos dos dançarinos que competiram no campeonato *Juste Debout* e o DJ, recordamos o uso dos aparelhos de som e dos discos que tocam música.

Na ação de confeccionar um Jornal da Educação Infantil sobre a cultura Hip Hop objetivando a construção de discussões e produções do tema abordado, apresentei o conhecimento, que é o quinto elemento do movimento. Expliquei sobre a importância do conhecimento para a existência da cultura Hip Hop pois ele une todos os outros.

Confeccionamos um Jornal da Educação Infantil abordando os conhecimentos adquiridos durante a realização do projeto sobre a Cultura Hip Hop. Nesta ação desenvolvemos a “habilidade de construir conhecimentos a partir das interações” (BELO HORIZONTE, 2015, p. 174), assim as crianças formularam coletivamente conclusões sobre o tema do Hip Hop e registraram as informações, identificando fontes como jornais que são instrumentos de coleta e divulgação de informações.

Figura 14. Jornal da Turma Passarinhos



Fonte: Acervo Pessoal

As crianças da turma Passarinhos sempre tiveram contato com rimas, através de parlendas e ou poesias que eram lidas diariamente durante as atividades permanentes. Então, com a colaboração das crianças envolvidas criamos um *rap* que fala sobre os elementos do Hip Hop. O nome que as crianças deram para o *rap* foi “*Rap dos Passarinhos*”.

Durante a composição do “*Rap dos Passarinhos*”, quando as palavras não rimavam, uma ou outra criança me olhava e dizia que não estava legal, que não estava combinando ou rimando. Depois de vários ajustes e com a contribuição de todas o *rap* ficou pronto.

“Hoje eu vou te ensinar  
Uma música bem legal  
Ela é do Hip Hop  
Que balança com geral

O *break* é a dança  
O grafite é a arte  
O *Dj* é na pista  
E o *rap* é na rima

Quando tem conhecimento  
As crianças se divertem  
Pois apagam o preconceito  
E escrevem o respeito.”  
(*Rap dos Passarinhos* – 2019)

Outra ação que teve um destaque importantíssimo foi a participação da professora Débora<sup>29</sup> em uma roda de conversa sobre a valorização dos cabelos crespos. Uma reflexão que me incomodava e me acompanhou durante a execução das ações foi de como eu poderia atingir as crianças com um trabalho sobre a cultura negra, sendo eu uma professora branca?

Nos anos de 2017 e 2018 trabalhei junto com a professora Débora em outra escola. Já conhecia sua excelência e dedicação em trabalhar uma educação para as relações étnico-raciais. Ela chegou na EMMK exatamente na semana que trataria do assunto de cabelos crespos.

Realizei a contação da história para as crianças do livro *Meu crespo é de rainha*<sup>30</sup> (bell hocks, 2018). Convidei a professora Débora para conversar com a turma

---

<sup>29</sup> Termos de autorização do uso dos relatos, imagens e vídeos estão em anexo (Anexo 3)

<sup>30</sup> *Meu Crespo é de Rainha*: livro infantil escrito por bell hooks (em minúsculo por escolha da autora que pretende destacar o conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa). O livro celebra a beleza e a diversidade dos cabelos crespos e cacheados de forma positiva, alegre e elogiosa.

sobre o livro. Durante a roda, a professora Débora falou sobre as texturas diferentes dos cabelos, dos tamanhos e dos tipos de fios que os cabelos apresentam - liso, cacheado, crespo - dos cuidados e carinhos que devemos ter com os nossos cabelos e das várias possibilidades que existe para pentear, trançar e enfeitar.

Segundo GOMES (2002) tratar do tema sobre a valorização do cabelo crespo e do corpo negro é extremamente relevante.

O cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. (GOMES, 2002, p.2)

Figura 15. Roda de conversa sobre cabelos com a Professora Débora



Fonte: Acervo Pessoal

A professora Débora explicou para as crianças que os cabelos são heranças que trazemos no corpo vindas dos nossos antepassados. Disse que o cabelo dela é herança de reis e rainhas que vieram lá da África.

Nesse momento uma criança disse:

*-A Isabela já contou essa história da África!*

Imediatamente percebi que talvez a resposta para as reflexões que me acompanhavam e até me incomodavam, era de que mesmo sendo uma professora branca, eu poderia exercer ações pedagógicas que alcançaria as crianças independentemente do pertencimento racial.

Em seguida, apresentamos várias imagens da MC Soffia e Tamara Franklin com diversos penteados, tranças coloridas, cabelos *black's*, cabeça raspada e utilizamos as imagens para fazer um mural de exposição.

A última semana do mês de agosto foi repleta de atividades e ações. Tanto para a realização do plano de ação quanto para a realização da semana da infância, que foi comemorada nas escolas de Belo Horizonte que atendem educação infantil.

Contei com o apoio e mobilização da coordenadora da educação infantil, das professoras de apoio e projetos e monitoras para a organização da apresentação de encerramento o projeto de intervenção. Ensaíamos todos os dias o “*Rap dos Passarinhos*” a música “Anônima” da rapper Tamara Franklin e a música “Menina Pretinha” da MC Soffia para a apresentação.

A Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) enviou para as escolas um convite para participarem da V Edição do Dia de Dengos e Cafunés. Nesse convite<sup>31</sup> vieram sugestões de ações para serem realizadas pelas instituições na Semana Nacional da Educação Infantil, junto com a comunidade escolar, promovendo “vivências nas quais as diferenças sejam experienciadas enquanto características de pertencimento e não como referências valorativas entre os grupos, para que as crianças de nossa cidade tenham ‘Uma Infância sem Racismo’”. O convite trouxe também referência de vários materiais para estudo e pesquisa, sugestões de atividades e explicações importantes para se trabalhar a Educação das Relações Étnico-Raciais.

A coordenadora da educação infantil deu apoio na organização e realização do Dia do Dengos e Cafunés. Convidamos as famílias das crianças da Turma Passarinhos para chegarem na escola 15:30 e à medida em que os familiares chegavam, as crianças convidavam para jantar junto com elas. Foi um momento muito especial e pós o jantar, as famílias foram encaminhadas para o auditório.

Fiz um breve agradecimento e expliquei a finalidade do encontro, que encerrou a Semana da Educação Infantil com um dia de Dengos e Cafunés. Expliquei que as duas palavras são de origem africana e significa afago e mimo na cabeça. E que convidei para que aproveitassem aquele momento para fazer um denço e um cafuné na sua criança.

Retomei o tema do projeto institucional da escola, que é sustentabilidade, e apresentei uma reflexão sobre o que estamos produzindo na nossa realidade. Quando a família está junto com a escola isso é praticar a sustentabilidade. Lancei a pergunta de “como estamos sustentando nossas vidas e nossas relações?”

O tema do Projeto institucional é muito complexo. Existe um pensamento que a sustentabilidade é reciclar, mas não é isso. Sustentar é agir pensando que mundo que construímos será para os que vem depois. É pensar no outro, refletir como

---

<sup>31</sup> Para acessar o convite completo: <http://eticogenero.blogspot.com/2019/08/semana-nacional-da-educacao-infantil.html> (acesso em 21/08/2019)

estamos cuidando das pessoas, do planeta e dos animais. Trazer o conhecimento como o 5º elemento da cultura Hip Hop é importante na medida que se associa como junção para entender que se faz necessário o fortalecimento das relações humanas, o respeito a diversidade e empatia.

Desde o começo do ano junto com a turma Passarinhos a cultura Hip Hop está sendo trabalhada. Fazendo a junção da sustentabilidade com o Hip Hop assistiríamos o vídeo MC Soffia - Princesinha que nada!<sup>32</sup> para entender o principal motivo de trabalhar com a essa cultura. No vídeo MC Soffia relata como é sua postura em relação aos enfrentamentos do racismo no seu cotidiano. A valorização dos traços negros, a importância do apoio da mãe e sobre a Lei 10.639/03 que inclui o ensino da história e cultura afro-brasileira e da África nas escolas.

Durante a exibição do vídeo as crianças saíram do auditório para se prepararem para a apresentação. Ao término do vídeo, as batidas da música “Anônima” contagiaram a todos e a meninada entrou triunfante fazendo os movimentos do *break*. Dirigimos ao palco e de lá de cima soltaram a rima do *Rap* dos Passarinhos. Em seguida, as meninas apresentaram a música “Menina Pretinha”. Todos aproveitaram ao máximo o esse momento de alegria.

A participação das crianças nessas atividades traz contribuições para “desenvolver a habilidade de relacionar-se de maneira ética com o ambiente social e cultural observando se as crianças se manifestem com a participação e preparação deste evento cultural”. (BELO HORIZONTE, 2015, p. 176)

A construção e realização de cada ação executada contribuiu para que as crianças apreciassem e vivenciassem as artes visuais, as danças e as músicas do movimento Hip Hop. Possibilitou que construíssem representações positivas através da valorização da cultura negra. Além de encontros com pessoas importantes da família e outros parceiros que fazem parte do quadro de funcionários da escola.

Neste dia a equipe gestora da escola estava presente e contribuiu para a realização da ação planejada. A organização da escola para receber a família para o jantar e a organização dos equipamentos técnicos de som e projeção do vídeo só foi possível com o apoio de toda equipe da direção e professoras da educação infantil da escola. O envolvimento de todas e todos da EMMK foi de suma importância. Não

---

<sup>32</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=-pxDBJ\\_tgmE](https://www.youtube.com/watch?v=-pxDBJ_tgmE) Acesso em: 27/08/2019

somente para o Dia de Dengos e Cafunés, mas também para a realização de todo o projeto.

### **6.3. “E no meio disso tudo”**

Realizamos a confecção dos autorretratos pintados em telas. Umas das mais complicadas ações de serem executadas. Solicitei no projeto que entreguesse na escola telas no tamanho de 20x30 cm, pinceis e tintas de tecido em cores variadas. Como foi um processo que precisou de muito tempo para ser realizado, as telas só foram expostas e apresentadas para a comunidade escolar na Mostra Cultural, que aconteceu no mês de novembro.

Um dos maiores desafios foi encontrar a cor de pele das crianças nas misturas das tintas. Essa confecção das cores foi uma ação difícil e muito demorada. Mas durante a construção das tintas de acordo com o tom de pele de cada criança foi umas das ações de maior importância.

Para desenvolver a ação separei e posicionei uma mesa intencionalmente em frente ao espelho da sala. Convidava no máximo duas crianças por vez para se sentarem à essa mesa específica. Expliquei que sempre que necessário elas poderiam recorrer ao espelho durante pintura para conferir seus traços, cor de cabelo, pele e olhos.

Parafraseando Emicida, nessa ação estava disposta “*a achar um ninho*” junto com as crianças. Fortalecemos nossas relações, tivemos uma proximidade maior com diálogos, sorrisos e troca de olhares. Construimos intimamente o conceito de empatia, o olhar para si e para o outro de um jeito especial, admirando e elogiando o colega. Utilizamos várias vezes o espelho para observar o que tínhamos em comum e de diferente.

Começamos marcando na tela o desenho do contorno do rosto com um lápis de escrever. Depois misturávamos um pouquinho de cada cor para chegar ao tom da pele de cada criança. Algumas vezes chegávamos à cor da pele rapidamente, mas na grande maioria demorava muito. Em uma experiência de mistura das cores, para conseguir chegar no tom de pele do aluno Vinícius, quando terminamos ele me olhou e falou:

*-Nossa Isabela, essa cor está igual ao cabelo do meu pai!*

No caso, o cabelo do pai era grisalho. Descartamos o preparo e começamos o processo novamente até acertarmos a tonalidade. Algumas crianças falavam que a cor estava clara demais, outras falavam que estava escura demais.

Figura 16. Criança pintando novamente o autorretrato



Fonte: Acervo Pessoal

Uma delas depois de pintar o rosto todo percebeu que a cor da sua pele não era aquela. Rapidamente fizemos outra para pintar por cima. Durante a atividade as crianças se concentravam e tinham muita atenção ao fazer a pintura, pois sabiam que não poderiam apagar com borracha ou simplesmente descartar a tela.

Dialogar, interagir e observar as descobertas que cada uma delas fizeram sobre elas ou mesmo as afirmações positivas dos seus traços e características físicas foi o mais gratificante retorno que tive durante o desenvolvimento do projeto. As trocas de olhares e até mesmo ajuda para achar a cor certa do outro foi uma vivência extraordinária.

Figura 17. Pintura da tela do autorretrato



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 18. Mesa posicionada próxima ao espelho



Fonte: Acervo Pessoal

As atividades do Plano de Ação contribuíram para o desenvolvimento da expressão corporal, oral, cultural das crianças através de do contato com os elementos da cultura Hip Hop. Proporcionando uma construção de identidade positiva sobre si e do outro, além de permitir importantes ações de práticas pedagógicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Figura 19. Exposição das telas do autorretrato



Fonte: Acervo Pessoal

## 7. “O Hip-Hop me falou de autonomia”

Sabendo da importância de se trabalhar com um currículo que tenha práticas pedagógicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais, organizei algumas ações pedagógicas que dialogam com a cultura Hip Hop. Para fortalecer laços locais por considerar que é um movimento presente na comunidade.

As práticas culturais do Hip Hop foram usadas como atividades pedagógicas que permitiram o contato das crianças com expressões corporais, palavras e músicas e realidade afro-brasileira não estereotipada ou fragmentada. As atividades abordaram as linguagens musical, oral, corporal e artes plásticas visual. Abaixo descrevo os elementos, as linguagens abordadas e as habilidades trabalhadas respectivamente:

O primeiro elemento – *DJ* – Utilizado na linguagem musical. As crianças puderam ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais. Ouvir diferentes estilos musicais. Reconhecer versos e estilo da música brasileira e de outros locais e povos. Valorizar obras musicais de diferentes gêneros, estilos, épocas e culturas.

O segundo elemento – *Rap* – Utilizado na linguagem oral. As crianças puderam interagir nas variadas situações de comunicação oral. Cantar, fazer rimas, imitar sons e reproduzir sons e entonações. A consciência fonológica foi muito trabalhada durante a construção do *Rap* dos Passarinhos e quando a criança experimentava fazer *beat box* exercitava os músculos da boca.

O terceiro elemento – *Breaking* - Utilizado na linguagem corporal. As crianças puderam dançar, explorar as possibilidades de gestos e ritmos corporais para expressar-se nas diversas situações de interação. Utilizar de estruturas rítmicas para expressar-se. Conhecer algumas manifestações culturais do repertório que envolve a corporeidade (gestos, atividades esportivas, jogos, dança)

O quarto elemento – Grafite - Utilizado na linguagem artes plásticas visuais. As crianças puderam apreciar diferentes produções artísticas, reconhecendo a grande diversidade. Utilizar a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, em processos de criação e produção de arte. Utilizar alguns procedimentos necessários para desenhar, pintar, modelar. Utilizar-se de diversos materiais, instrumentos e suportes necessários para o fazer artístico. Reconhecer e nomear as cores ao seu

redor. Valorizar as próprias produções e as produções de outras crianças bem como a produção de arte em geral.

Figura 20. Apresentação para a Comunidade escolar



Fonte: Acervo Pessoal

## 8. “Somos o que somos dentro e fora da canção”

E no meio disso tudo alguns imprevistos surgiram. Quando planejei as ações e organizei as intervenções em um cronograma, imaginava que tudo aconteceria como estava escrito. Aconteceram encontros, mas também desencontros. Criei expectativas de oferecer às crianças contatos profundos com todos os elementos do Hip Hop, mas não foi possível concluir todos.

A organização do tempo para as intervenções planejadas não favoreceu. Um ponto negativo foi o não acontecimento da oficina de *beat box* com o Luiz. Como ele trabalhava como monitor de inclusão, foi muito difícil estar disponível no horário de aula, no qual havia planejado uma roda de conversa entre ele e as crianças ou na apresentação do dia de Dengos e Cafunés.

Outra situação ocorreu um dia depois de ter apresentado as músicas da MC Soffia e Tamara Franklin para turma pela primeira vez. Uma criança chegou na sala e disse que o avô havia brigado com a mãe dela por saber que na escola ela ouviu *rap* e que não era música para criança. Fizemos uma roda para tratar do assunto e as crianças lembraram de partes das músicas e concluíram que não tinha nada de errado com a letra. Acrescentaram, inclusive que a MC Soffia também era uma criança. Perguntei sobre o que as músicas falavam e as outras crianças contribuíram dizendo que era sobre o cabelo e sobre o bairro Mantiqueira. Conversei com a coordenação e registrei o ocorrido no Diário de Bordo da turma. A família não procurou a escola e a criança não relatou mais a insatisfação do avô sobre as atividades realizadas.

A oficina de *breaking* também não aconteceu. A intenção era convidar o Miltinho, dançarino que participou do campeonato *Juste Debout* de 2018 na França representando o Brasil, para realizar uma oficina com as crianças. Como o Miltinho treina na EMMK alguns dias da semana à noite, perguntei para o porteiro da escola se ele tinha visto o Miltinho naquela semana. Ele respondeu que havia um bom tempo que não aparecia na escola. No dia da Festa Junina, encontrei com o Tiago que dá oficinas de *breaking* na escola aberta e estava treinando perto do prédio da educação infantil. Fui até ele e conversamos por um tempo. Falei sobre o plano de ação e perguntei se ele conhecia o Miltinho. Então ele me informou que o Miltinho estava viajando à trabalho para São Paulo. O Tiago demonstrou interesse em fazer uma

conversa com as crianças sobre da dança e pediu que eu pegasse o seu contato com a coordenadora da escola aberta. Tentei por dois finais de semana e não tive sucesso. A solução que encontrei foi mostrar um vídeo do Miltinho na apresentação que fez no *Juste Debout* para as crianças.

Mesmo com esses ocorridos percebi o interesse e entusiasmo que a turma Passarinhos demonstrou frente as outras atividades apresentadas e vivenciadas e os desafios propostos. O grupo construiu e produziu trabalhos coletivos com maturidade e muito capricho durante o desenvolvimento das ações, valorizando e respeitando as características individuais e fortalecendo o laço de amizade e empatia.

## 9. Considerações

A escola tem papel importante para eliminação das discriminações ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos e culturais. Possibilitando à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais e espaços democráticos e igualitários.

Para se obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidades racistas e discriminatórias, superando o etnocentrismo europeu e reestruturando relações étnico-raciais e sociais. O currículo está presente na relação social onde o conhecimento é produzido por meio das relações das pessoas. Essa produção de conhecimento está presente na diversidade, na cultura e na valorização do pertencimento racial de todas as identidades encontradas nas escolas.

A escola silencia as crianças que estão fora dos padrões estéticos impostos pela sociedade. Reconheço a existência da diferença no tratamento das crianças negras. Apresentar a cultura negra utilizando os elementos do Hip Hop para todas as crianças, negras ou não negras, contribuiu para a empatia e respeito a diversidade. A valorização do pertencimento racial foi comum a todas as crianças. Minha intenção foi atingir a construção de uma identidade positiva e autoafirmação, principalmente das crianças negras que tantas vezes são preteridas.

Este trabalho significou alcançar voos incríveis e vivenciar novas paisagens junto com as crianças da turma Passarinhos na mistura das cores, batidas e rimas. A turma Passarinhos demonstrou muito interesse em participar das ações que foram propostas, com curiosidade e autonomia para realizá-las, se posicionando criticamente com o que era apresentado. A realização da pesquisa sobre o movimento Hip Hop me moveu para junto de uma estrutura de consciência social, política e cultural que atingiu e atinge todos os sujeitos envolvidos.

As ações envolveram todas as crianças e conseguimos produzir conhecimentos mais potentes porque a essência das ações continha alegria. A cultura do Hip Hop mexe com o corpo e com a mente, pois ela está viva! E essa vida pulsou junto com o Hip Hop, pulsou junto com o território, com as pessoas que participaram e contribuíram para o sucesso das práticas. Pulsou junto com a Diana, mãe do

Cristiano. Pulsou junto com o Luiz. Pulsou junto com a professora Débora e principalmente com todas as crianças da turma Passarinhos.

É muito importante apresentar de maneira criativa e potente para os sujeitos de diferentes níveis e modalidades escolares a história e a cultura afro-brasileira e da África. Toda nova informação nos amplia, seja no cognitivo, seja nas vivências. O contato com outras culturas, nesse caso específico o movimento Hip Hop, contribuiu para que as crianças conhecessem mais de si, conhecessem suas limitações, suas histórias e as histórias que os outros colegas da turma compartilharam. As crianças desenvolveram empatia umas pelas outras, o Hip Hop afetou a visão que tínhamos do mundo, me incluindo, e das crianças envolvidas.

O sucesso na execução das atividades só foi possível com apoio e participação dos pais, da equipe pedagógica e gestora da escola e principalmente das parcerias que tanto contribuíram para as ações. Considero que o resultado positivo das atividades desenvolvidas trouxeram-me reflexões sobre a posição de privilégio nesse contexto de racialização como professora branca.

Problematizar a conquista do resultado positivo desse projeto se faz necessário. A posição racializada que ocupo como professora branca me permitiu perceber o racismo. Sobretudo quando enxergo a diferença de tratamento dado às professoras negras quando estas assumem um protagonismo nas escolas. Quando as ações e os trabalhos destas professoras se destacam, o racismo que se apresenta de forma velada, ataca e atinge em forma de críticas negativas, assédio moral e denúncias.

As injustiças e o racismo me agride e me machuca profundamente. Me sensibiliza de uma forma que eu não consigo cruzar os braços e me calar. Posiciono ao lado delas para fortalecer no combate ao racismo e na implementação da Lei 10.639/03. Busco me aproximar do movimento negro, sem a pretensão de ser protagonista. O protagonismo é negro. O meu papel é estar junto, ao lado e não à frente. É necessário e possível uma professora não negra trabalhar a temática de pertencimento racial e foi o que pretendi fazer nesse projeto.

Trabalhar as relações étnico-raciais deve ser feito por todas por ser um assunto de todos. Com empenho almejei romper a fronteira e evidenciar que esse não é um trabalho de professoras negras para crianças negras. Esse é um trabalho que tem que ser feito na nossa sociedade para a educação das relações raciais, encorajando outras professoras que não são negras.

Minha ação pretendeu dar visibilidade e conferir o protagonismo a cultura e aos participantes, uma estratégia que deve ser usada por quem se encontra no lugar de privilégio. Como professora branca entendi o lugar de privilégio e quis reverter, dando visibilidade ao Hip Hop e seus sujeitos. Sensibilizando nas crianças ações e sentimentos de valorização do seu pertencimento racial, empatia e respeito pela diversidade como sujeitos que se posicionam contra o racismo e/ou qualquer forma de discriminação.

O movimento Hip Hop é uma ferramenta que denuncia as opressões, as violências e as dificuldades vividas pela população negra. Como forma de resistência artística o Hip Hop também utiliza a sensibilidade e a conscientização. E na mistura das cores, das batidas e das rimas, eu e as crianças, conectamos diretamente com a potência dessa cultura.

O Hip Hop conecta os territórios e não é só o território físico. É um território das sensações, da aproximação e escuta. Um espaço que se abre para os afetos e para as resistências. A realização desse projeto acarretou uma grande conquista pessoal. Uma construção com as parcerias e o diálogo. E o mais importante: uma transformação positiva para mim e para as crianças.

Para mais fotos acesse:

<https://is.gd/Prup1W>



## Referência Bibliográfica

ALVES, Valmir Alcântara. De repente o RAP na Educação do Negro: O Rap do Movimento Hip-Hop Nordestino como Prática Educativa da Juventude Negra. João Pessoa. 2008, p.9.

BELO HORIZONTE (município). Secretaria Municipal de Educação. Proposições Curriculares para a Educação Infantil: eixos estruturadores. Ana Cláudia Figueiredo Brasil Silva Melo (org). Belo Horizonte, 2015. (Desafios da Formação, 2)

BRASIL. Lei 10639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União. Brasília, 2003.

BRASIL. CNE. Parecer nº. 03 de 10 de março de 2004. Dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana. Relatora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Ministério da Educação. Brasília, julho de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos; GOMES, Jerusa Vieira. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 1998. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude, 2001. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002

DERDYK, Edith. O desenho da figura humana. Série: Pensamento e ação no magistério. Fascículo 15. São Paulo: Scipione, 1990.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Aprender a cultura. In: GUTIERREZ, A.; LOUREIRO, H.; FIGUEIREDO, B. Cultura e Educação: parceria que faz história. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/MAO, 2007. p. 29-43.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2015.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. RBPAE – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011

LIMA, Mércia Ferreira de. A participação feminina no hip hop: jovens mulheres em culturas juvenis. Rio Tinto – PB, 2014. 67f. Monografia. (Bacharel em Antropologia com habilitação em Antropologia Visual). Universidade Federal da Paraíba, 2014.

MORTARI, Claudia. Introdução aos estudos africanos e da diáspora. Florianópolis: DIOESC: UDESC, 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: BENTO, M. A. da S. (Org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, 2011. p. 11-46.

ROSEMBERG, Fúlvia. Desigualdades de raça e gênero no sistema educacional brasileiro, Brasília: Seminário Internacional “Ações afirmativas nas políticas educacionais brasileiras: o contexto pós-Durban”, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil, classe, raça e gênero: notas preliminares. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1995.

SANTANA, Patrícia Santana. Educação Infantil. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.

SCHUCMAN, Lia Van; SANTOS, Alessandro de Oliveira dos. Desigualdade, Relações Raciais e a Formação de Psicólogos(as). Revista EPOS. Rio de Janeiro - RJ, vol.6, n. 2, p. 117-140, jul-dez de 2015

SILVA, Natalino Neves da. A diversidade cultural como princípio educativo. Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 8 n. 11 p. 13-29 jul./dez. 2011

As MCs de BH: Tamara Franklin é prova da força das mulheres na cena do rap em Minas. G1.globo.com. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/07/03/as-mcs-de-bh-tamara-franklin-e-prova-da-forca-das-mulheres-na-cena-do-rap-em-minas.ghtml>. Acesso em 08/09/2019

Entrevista: Renegado. Disponível em: <https://www.revistaogrito.com/entrevista-renegado/>. Acesso em: 28/04/2019

## Anexos

Quadro 1 – Ações realizadas

AÇÃO	DATA	PARTICIPANTE
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Coletar informações e impressões que as crianças têm sobre o Hip Hop.</li> <li>-Apresentar a música Passarinhos.</li> <li>-Impressões das características físicas (cor/cabelo) que as crianças têm do rapper Emicida e da cantora Vanessa da Mata.</li> <li>-Confecionar cartaz com a letra da música Passarinhos e fotos dos cantores Emicida e Vanessa da Mata.</li> </ul>	Março Abril	Turma Passarinhos
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Assistir vídeos vida e obra de Basquiat. Autorretrato inspirado na obra do Basquiat. Contato com outros artistas brasileiros que pintaram o autorretrato (Tarsila do Amaral / Os Gêmeos).</li> <li>-Apresentar giz de cera (tons de pele) e usar nos autorretratos</li> <li>-Mural com os autorretratos das crianças da Turma Passarinhos.</li> <li>-Autorretratos com tintas em pratos de papelão (inspiração de Basquiat).</li> <li>-Apresentar a história dos primeiros <i>DJ</i>'s do movimento Hip Hop.</li> <li>-Apresentar outras formas musicais no movimento Hip Hop como Beat Box.</li> <li>-Assistir clipes das artistas: Tamara Franklinn e MC Soffia.</li> </ul>	Abril Maio Junho Julho	Turma Passarinhos
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Pintura facial inspirada na arte do Nilo Zack: "Menino Palhaço".</li> <li>-Oficina e confecção de mural utilizando instrumentos do grafite.</li> <li>-Manuseio do Jornal de Venda Nova sobre o grupo de dança <i>Vib Connect</i>. (Competição em Paris - 2018).</li> <li>-Criação do <i>Rap</i> da Turma Passarinhos.</li> <li>-Confecção de Jornal da Educação Infantil sobre a Cultura Hip Hop.</li> </ul>	Agosto 1 <sup>a</sup> Quinzena	Turma Passarinhos  Diana (mãe do Cristiano).
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Contação de história: Livro "Meu crespo é de rainha".</li> <li>-Mural com vários tipos de tranças e penteados.</li> <li>-Ensaio para apresentação das músicas "Anônima" de Tamara Franklin e "Menina Pretinha" de MC Soffia.</li> <li>-Dia do Dengo e Cafunés.</li> <li>-Apresentação para a família (vídeo – <i>rap</i> – música).</li> </ul>	Agosto (2 <sup>a</sup> ) Quinzena)	Turma Passarinhos Débora (Professora) Juliane (Coordenadora)
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Confecção de tela com pintura do autorretrato das crianças da turma Passarinhos.</li> </ul>	Setembro Outubro	Turma Passarinhos

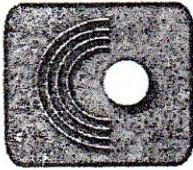
Fonte: Acervo Pessoal

Quadro 2 –Cronograma do Plano de Ação

	Objetivos	Ações
Março/Abril	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Projeto Piloto.</li> <li>-Contato com o 1° Elemento do Hip Hop: <i>Rap</i></li> <li>-Apresentação da música Passarinhos.</li> <li>-Apresentação das fotos dos cantores Emicida e Vanessa da Mata.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Coletar informações e impressões que as crianças têm sobre o Hip Hop.</li> <li>-Confeccionar cartaz com a letra da música Passarinhos e fotos dos cantores Emicida e Vanessa da Mata.</li> <li>-Música Passarinhos.</li> <li>-Impressões das características físicas (cor/cabelo) que as crianças têm do rapper Emicida e da cantora Vanessa da Mata.</li> <li>-Confeccionar cartaz com a letra da música Passarinhos e fotos dos cantores Emicida e Vanessa da Mata.</li> </ul>
Abril/Maio/Junho	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Contato com o 2° Elemento do Hip Hop: <i>DJ</i></li> <li>-Conversa e Oficina de <i>Beat Box</i> com Luiz Capone.</li> <li>-Vídeos e músicas da cantora Tamara Franklinn e MC Soffia</li> <li>-Contato com o 3° Elemento do Hip Hop: <i>Grafite</i></li> <li>-Livro da poetiza negra Maya (Nada nessa vida me assusta) com obras do artista afro-americano Basquiat.</li> <li>-Vídeos e fotos sobre a vida e obras de Basquiat.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Apresentar a história dos primeiros DJ's do movimento Hip Hop.</li> <li>-Outras formas musicais no movimento Hip Hop como Beat Box.</li> <li>-Assistir clipes das artistas: Tamara Franklinn e MC Soffia.</li> <li>-Assistir vídeos sobre Basquiat.</li> <li>-Autorretrato inspirado na obra do Basquiat.</li> <li>-Contato com outros artistas brasileiros que pintaram o autorretrato (Tarsila do Amaral / Os Gêmeos)</li> <li>-Utilizar giz de cera (tons de pele – PintKor).</li> <li>-Mural com autorretrato das crianças da Turma Passarinhos.</li> <li>-Autorretratos com tintas em pratos de papelão.</li> </ul>
Agosto 1ª Quinzena	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Contato com a arte do artista Nilo Zack</li> <li>-Oficina de grafite com Daiane (mãe do aluno C.)</li> <li>-Pintura do Autorretrato.</li> <li>-Contato com o 4° Elemento do Hip Hop: <i>Break</i>.</li> <li>-Notícia do jornal de Venda Nova.</li> <li>-Conversa e oficina de <i>break</i> - dança.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Pintura facial inspirada na arte do Nilo Zack “Menino Palhaço”.</li> <li>-Oficina e confecção de mural utilizando instrumentos do grafite.</li> <li>-Confecção de tela com pintura do autorretrato das crianças da turma Passarinhos (inspirado na obra do artista Nilo Zack).</li> <li>-Manuseio do Jornal de Venda Nova com notícia da apresentação de dança do grupo <i>Vib Connect</i>. Competição em Paris (2018).</li> <li>-Confecção de Jornal da Educação Infantil sobre a Cultura Hip Hop.</li> </ul>
Agosto (2ª Quinzena)	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Contato com o 5° Elemento do Hip Hop: <i>Conhecimento</i>.</li> <li>-Fazer um rap sobre Hip Hop.</li> <li>-Vídeo sobre o desenvolvimento do projeto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Apresentação para as crianças da Educação Infantil da música Anônima de Tamara Franklin e Menina Pretinha de MC Soffia.</li> <li>-Apresentar o <i>Rap</i> feito pelas crianças sobre os elementos do Hip Hop.</li> <li>-Finalização do projeto e apresentação do vídeo para os envolvidos.</li> </ul>

Fonte: Acervo Pessoal

Anexo 1 - Termo de autorização de uso de relatos, imagens e vídeos assinados pelos pais / responsáveis



**LASEB**  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

Prezados Pais,

O(a) Prof.(a) \_\_\_\_\_ desenvolverá, na Escola \_\_\_\_\_, um projeto relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

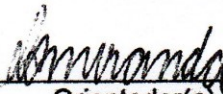
Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,

  
Vanessa Sena Tomaz

Coordenadora Geral do Curso

  
Orientador(a) do trabalho

Nome do aluno(a): \_\_\_\_\_

De acordo: assinatura dos pais / responsáveis pelo(a) aluno(a)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-6369  
Fax: (31) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

## Anexo 2 - Termo de autorização de uso de informações



L A S E B

Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

### A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu.....  
abaixo assinado, autorizo Isabela Cristina Soares Barbosa César, cursista da Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Projeto para elaboração do trabalho final, que tem como objetivo contribuir para que as crianças apreciem e vivenciem músicas, danças e artes visuais do movimento Hip Hop para a construção de representações positivas através da valorização da cultura negra que está sendo orientado pela Profa. Dr.(a.) Shirley Aparecida de Miranda.

Belo Horizonte, 09 de Agosto de 2019.

---

Assinatura da participante

Anexo 3 – Carta de consentimento de participação na oficina de grafite (modelo adaptado para entrevista e roda de conversa)



L A S E B

Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 09 de Agosto de 2019.

Prezado (a)

A Professora Isabela Cristina Soares Barbosa César está desenvolvendo, na Escola Municipal Moysés Kalil, um projeto relacionado ao trabalho final de curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Este trabalho é orientado por professores da UFMG e tem como finalidade o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

O objetivo desse projeto é contribuir para que as crianças apreciem e vivenciem músicas, danças e artes visuais do movimento Hip Hop para a construção positiva de pertencimento racial através da valorização da cultura negra.

A sua participação consistirá em participar de uma oficina de grafite, com duração de aproximadamente uma hora. Sua participação é voluntária, isto é, você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,

---

**Isabela Cristina Soares Barbosa César**

De acordo: \_\_\_\_\_

**Caso você tenha alguma dúvida ou interesse em colaborar com o projeto, contate nos endereços abaixo:**

**Telefone: 98737-2109**

**E-mail: isabelacristinacesar@gmail.com**

Grata

**Isabela Cristina Soares Barbosa César**

---

## Anexo 4 – Matriz de atividade de autorretrato

**ESCOLA MUNICIPAL MOYSÉS KALIL – EDUCAÇÃO INFANTIL**

 Rua Afonso Pereira da Silva, 10 – Mantiqueira – Belo Horizonte – MG  
CEP: 31655-010 – Telefax(s): 3277-5580  
E-mail: emmk@pbh.gov.br

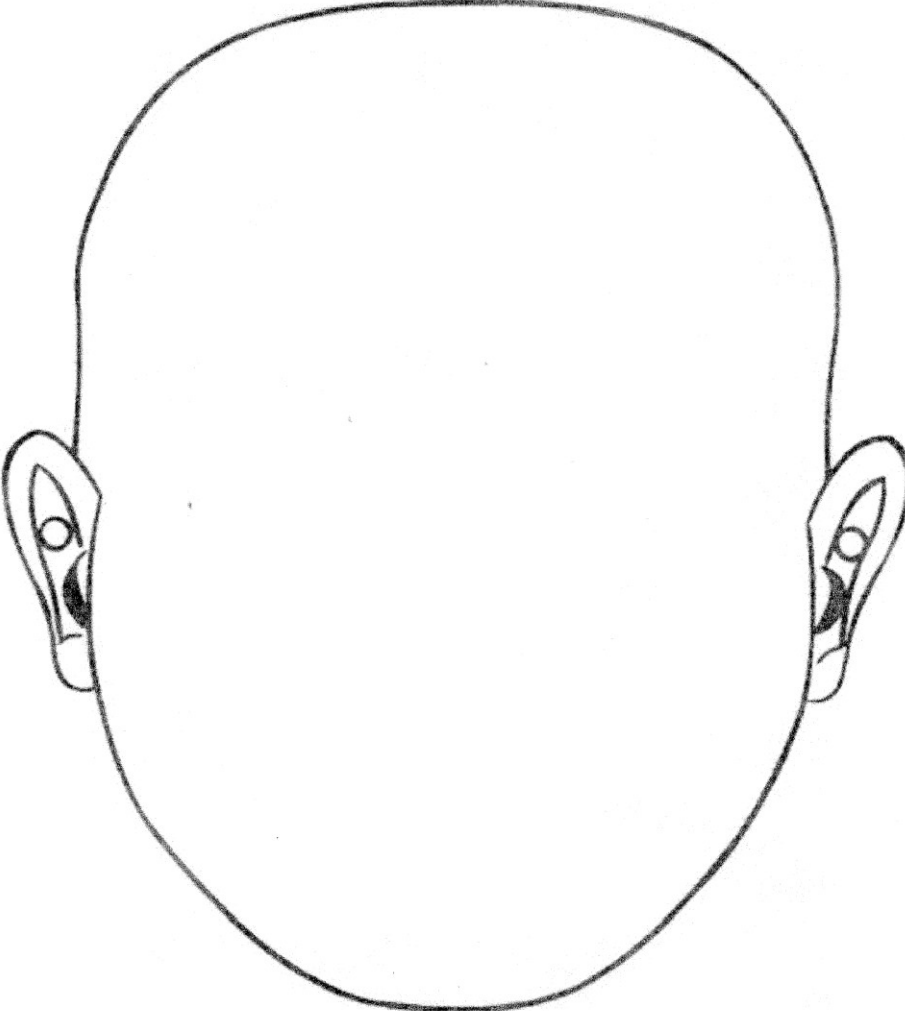
**PROFESSORA: ISABELA – TURMA PASSARINHOS**

---

**QUEM SOU EU?**

MEU NOME É \_\_\_\_\_

**AUTORRETRATO**



Anexo 5 – Trecho do *rap* – Nome da música - Nomes dos *rappers/cantores*

1. Introdução: “Quer saber quem eu sou? É só saber da onde eu venho”  
Anônima – Tamara Franklin
2. “A vida é uma canção infantil, veja você mesmo”  
Canção Infantil – César MC
3. “É que tem gente que quando pega a mão da gente faz a gente querer que o tempo pare”  
Mil coisas – Emicida part. Drik Barbosa
4. “Eu tô falando é de atenção que dá colo ao coração”  
Ainda há tempo – Criolo
5. “Hip Hop criado na rua, essa é minha cultura”  
Minha Cultura (Hip Hop) - Da Guedes
  - 5.1. “Conheço o povo, de Sampa, RJ, BH, Baixada, Porto”  
Mun-rá – Sabotage
  - 5.2. “Escola de Hip Hop é a rua descobrindo novos talentos”  
Hip Hop Com Dendê - Conceito Articulado
6. “Hip Hop é feito com tempero de paz”  
Hip Hop é foda – Rael
  - 6.1. “Este é meu ritmo, celeiro artístico”  
Anônima – Tamara Franklin
  - 6.2. “Dançamos por aí, grafitamos murais”  
Hip Hop é foda – Rael
  - 6.3. “E no meio disso tudo”  
Passarinhos – Emicida (part. Vanessa da Mata)
7. “O Hip-Hop me falou de autonomia”  
Pedagoginga - Thiago Elniño (part. Sant e KMKZ)
8. “Somos o que somos dentro e fora da canção”  
Amizade -Douglas Din (part. Família de Rua)